

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA**

GABRIELLA-MOISÉS

CORPO INCÔMODO

MANAUS

2024

GABRIELLA-MOISÉS

CORPO INCÔMODO

Trabalho de Conclusão apresentado ao Curso de Bacharelado em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo - Universidade do Estado do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Dança, sob orientação da Profa. Dra. Yara dos Santos Costa Passos.

Linha de Pesquisa: Corpo, Contemporaneidade, Produção de Linguagem e Estética na Dança.

MANAUS

2024

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO
CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA

FOLHA DE APROVAÇÃO


Gabriella-Moisés Pereira Assis

CORPO INCÔMODO

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para a obtenção do título de Bacharelado em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo/Universidade do Estado do Amazonas.

Manaus, 17 de Dezembro de 2024.


BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **YARA DOS SANTOS COSTA PASSOS**
Data: 03/01/2025 10:38:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Yara dos Santos Costa Passos, Presidente
Universidade do Estado do Amazonas

Documento assinado digitalmente
 **VILMA MARIA GOMES PEIXOTO MOURÃO**
Data: 05/01/2025 00:12:28-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Vilma Maria Gomes Peixoto Mourão, Membro
Universidade do Estado do Amazonas

Documento assinado digitalmente
 **VALDEMIR DE OLIVEIRA**
Data: 03/01/2025 14:11:24-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Valdemir de Oliveira, Membro
Universidade do Estado do Amazonas

AGRADECIMENTOS

As formas e as pessoas às quais devo agradecer são diversas.

Muita gente fez parte desse processo. Em ajudas.

Em conselhos. Em apoios. Em conversas...

Acho que a primeira pessoa que devo agradecer seja a minha orientadora,

Profa Dra Yara Costa, muito obrigada!

Obrigada pela paciência.

Obrigada pela dedicação de me apoiar nas loucuras de minha escrita.

Obrigada por me proporcionar sonhar, voar e ser diferente, de alguma forma.

A senhora tem um espaço muito especial em meu coração.

Agradeço aos meus amigos que estão comigo a todo instante.

Agradeço a minha amiga Lívia, sempre que converso com você eu transcendo mais,

você me faz pensar, agir, emergir, você é a luz na minha vida.

Te conhecer foi e está sendo a melhor parte desse processo em minha existência.

Agradeço à Luiza por me elucidar com as suas falas tão bonitas e concretas.

Agradeço por me ouvir também amiga, você sempre é luz.

Obrigada Vanessa Sofia, por todo apoio e carinho que me fortalece sempre.

Você sempre me ajuda a olhar por outras perspectivas. Obrigada!

Obrigada Vanessa Giovana, minha amiga sempre me dando muito apoio moral,

me fazendo sentir bem, você é muito querida amiga.

Agradeço ao Rodrigo que se prontificou a me ajudar quando eu estava perdida

tentando achar alguma forma de escrever o meu trabalho,

você foi um ótimo co-orientador, amigo.

Obrigada Raquel, as conversas com você são muito explanatórias.

Obrigada Lídia pelas palavras de conforto, pelos momentos de quase

desesperos, mas sigamos fortes amiga!

*Agradeço ao Chico, que se tornou uma das pessoas mais especiais
dos últimos anos para mim.*

Uma pessoa maravilhosa, uma artista maravilhosa, você me inspira muito.

*Agradeço também à minha psicóloga Ana Cecilia que, me acolheu,
me ouviu, e sempre me ajudava a entender a importância de meu trabalho,
não só pra mim, mas como um todo.*

*Por me ajudar a entender que isto aqui é só mais um trabalho,
e que é apenas um começo também da minha jornada. Obrigada Psi!*

*Agradeço ao apoio de minha família, em entender que,
a faculdade de Artes em Dança é sim muito importante pra mim.*

Obrigada pelas idas nas minhas apresentações.

*Obrigada por me apoiarem incondicionalmente, sei que eu
não comunico muito, mas saibam que eu sinto o apoio e o orgulho de vocês.*

Conquistar essa graduação é para vocês também.

Muito Obrigada!

Não poderia deixar de agradecer também

a provocadora deste trabalho, desta pesquisa, totalmente imersiva!

Obrigada Gabriella por existir e resistir em minha vida.

Isso tudo é por você, por nós.

Dedico esta pesquisa à minha mãe Wal, minha avó Conceição e à Gabriella-Moisés, que este trabalho se reverbere em muitas coisas boas.

RESUMO

Recordar as minhas memórias é o principal motivo para construir uma narrativa do meu processo de Transgeneridade, onde cada marca, cada cicatriz e cada gesto são vestígios de experiências identitárias. Guiada pelo conceito de “Escrevivência” (Evaristo, 2009), como uma metodologia de investigação, traço caminhos alternativos de escritas, fora dos padrões academicistas. Corpo Incômodo é uma pesquisa paralela entre a opressão, exposição e violações impostas pelo 'cistema' heteronormativo de sexo-gênero e a minha trajetória corpórea dissidente/experiência de vida. Com isso, formulo três epistemologias corpóreas como uma experiência que constitui o meu corpo através dos processos que o marcaram: Incômodos, (Auto)Subversão e Existência Não-Binária. Utilizo a captura momentânea, os registros fotográficos (performativos), para conectar memórias efêmeras entre passado e presente, e constituir um diálogo interno comigo mesma. As reverberações aqui postuladas geraram uma corporeidade que não constitui um fim, mas sim, possibilidades outras de continuar.

Palavras-chave: Corporeidade; Escrevivência; Foto Performance; Memória; Transgeneridade.

ABSTRACT

Recalling my memories is the main reason for constructing a narrative of my transgender process, where every mark, every scar and every gesture are traces of identity experiences. Guided by the concept of “Escrevivência” (Evaristo, 2009), as a research methodology, I trace alternative paths of writing, outside academic standards. Uncomfortable Body is a parallel research between the oppression, exposure and violations imposed by the heteronormative sex-gender 'cystem' and my dissident corporeal trajectory/life experience. With this, I formulate three corporeal epistemologies as an experience that constitutes my body through the processes that have marked it: Uncomfortable, (Self)Subversion and Non-Binary Existence. I use the momentary capture, the (performative) photographic records, to connect ephemeral memories between past and present, and constitute an internal dialog with myself. The reverberations postulated here have generated a corporeality that is not an end, but rather other possibilities for continuing.

Keywords: Corporeality; ‘Escrevivência’; Memory; Photo Performance; Transgender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Corpo Incômodo - Fragmentos Corporais. 2024. Fonte da pesquisadora.	20
Figura 2: Corpo Subversivo - Subversão Interna. 2024. Fonte da pesquisadora.	27
Figura 3: Corpo Subversivo - TRANScendência. 2024. Fonte da Pesquisadora	30
Figura 4: Corpo Subversivo - (RE)nascimento. 2024. Fonte da Pesquisadora.	31
Figura 5: Corpo subversivo - Poses. 2024. Fonte da Pesquisadora.	34
Figura 6: Corpo Subversivo - Evolução Corporal. 2024. Fonte da Pesquisadora.	35
Figura 7: Corpo Sem Gênero. 2024. Fonte da Pesquisadora.	38
Figura 8: Variação do Balé de Repertório - "A morte de Nikiya" .2023. Fonte da Pesquisadora.	45
Figura 9: Releitura "La Bayadere"- RITO. 2024. Fonte da Pesquisadora.	48
Figura 10: Cena "Sagrado e Profano"- 'De Volta à Beira'. 2024. Fonte da Pesquisadora.	51

SUMÁRIO

EPIGRAFE.....	12
ESCREVIVÊNCIA AUTOSUBVERSIVA.....	13
CORPO INCÔMODO.....	21
CORPO SUBVERSIVO.....	28
CORPO SEM GÊNERO.....	39
AS NARRATIVIDADES DE UM CORPO.....	43
EM PERFORMANCES.....	43
EM FOTO PERFORMANCE.....	53
ECOS DA EXISTÊNCIA.....	60
EPÍLOGO.....	62
REFERÊNCIAS.....	65
ANEXOS.....	69

EPÍGRAFE

*Mas, afinal, o que é o inferno, se não
o ódio coletivo pela minha existência?*

ESCREVIVÊNCIA AUTOSUBVERSIVA

[...] quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvencilho de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ [corpo-mulher-trans-negra] e que por se esse ‘o meu corpo, e não outro’, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, [não trans] jamais experimenta. [...] A sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo [transfobia] que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influenciou em minha subjetividade (Evaristo, 2009, p. 18).

As proposições desta pesquisa, de cunho pessoal, autoetnográfico, auto subversivo e, não obstante, crítico e político, trazem à tona as motivações de resgatar as memórias e estados corporais da minha existência, para tecer uma narrativa¹ de meu processo de Transgeneridade. As memórias, discorridas em fragmentos momentâneos, estimulam a compreensão deste corpo que escreve, pensa e age, dissidente, a partir de suas práticas, entendidas como (auto)subversivas.

*Recordar as minhas memórias,
momentos de minha existência,
é como mergulhar é um oceano de fragmentos,
para compreender como eu me percebia,
como eu pensava, agia, falava...
e como esses momentos me reverberam hoje...*

Nesse primeiro momento, podemos dizer que seja o meu primeiro capítulo, introduzindo as formulações que resgatam as minhas vivências/trajetórias, e também formulando o aparato teórico utilizado pelo campo da memória, que revelam um corpo que guarda

¹ De acordo com Corinne Squire (2014), a narrativa é uma visão ampla de “uma cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares” (2014, p. 273).

lembranças, um Corpo Memória², cheia de histórias para contar. Onde cada marca, cada cicatriz, cada gesto é um vestígio de experiências passadas.

E, dentro desta possibilidade, apresento uma defesa do lugar de onde falo, que é sobre mim, a minha existência, não podemos esquecer, o que se reflete na minha escrita, não se moldando às formas convencionais academicistas, por isso, evoco a noção de uma “Escrevivência³”, de Conceição Evaristo⁴, como um método de investigação, trazendo uma amarração de textos, poemas, fragmentos de diálogos e memórias, que reverberam fabular as minhas experiências identitárias.

EU, GABRIELLA-MOISÉS, PESSOA NÃO-BINÁRIA, PESSOA PRETA.

Formulo, a partir de textos de diálogos quebrados comigo mesma, de frases ditas a mim, em momentos atravessados por ignorância e violação com meu corpo, e de memórias pulsantes da minha feminilidade latente, narrar as minhas histórias particulares, que também, podem remeter a um coletivo de vivências, igualmente parecidas. Construo as minhas investigações mergulhando pelos incômodos, seja comigo mesma, com minhas percepções e desejos, ou com incômodos de outros corpos que projetam sobre o meu, que marcam meu corpo para sempre.

Dentro dessas marcações, em Corpo Incômodo, traço um paralelo da minha vivência corpórea dissidente que, sendo exposta ao sistema heteronormativo⁵, de se pensar existências,

² Seguindo a construção freudiana, corpo e memória se enlaçam por intermédio dos traços de memória que, via percepção dos estímulos originários da realidade externa, marcam o corpo e formam redes com novos traços inconscientes. O traço e as associações de traços formam a realidade interna do inconsciente que se constitui por meio de associações de traços formando novos traços inconscientes. Os primeiros traços se situam na linha do consciente, já os traços seguintes são inconscientes. Aos primeiros traços se associam novos traços que não têm relação imediata com os primeiros traços inscritos no aparelho psíquico pela percepção (Freud, 1891).

³ A escrevivência marcadamente carrega, assim, uma dimensão ética ao propiciar que a autora assumo o lugar de enunciação de um eu coletivo, de alguém que evoca, por meio de suas próprias narrativas e voz, a história de um “nós” compartilhado. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizar, mulher e negra (Evaristo, 2005).

⁴ Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma linguista e escritora afro-brasileira. Agora aposentada, teve uma prolífica carreira como pesquisadora-docente universitária. É uma das mais influentes literatas do movimento pós-modernista no Brasil, escrevendo nos gêneros da poesia, romance, conto e ensaio.

⁵ Na definição de Lauren Berlant e Michael Warner “Por heteronormatividade entendemos aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente - ou seja, organizada como sexualidade - mas também que seja

percebo que meu corpo foi questionada, violentada e apartada de mim mesma, e busco com isso, entender esses efeitos e imposições sofridas ao longo do tempo. Com isso, experimento um entendimento de minha corporeidade nas práticas *queer*⁶, que foi resistindo e se moldando contra o “cistema sexo-gênero”, ou “cistema”⁷.

O que me define, agora?

Diante de minhas autorreflexões, autoanálises e autodescobertas, evoco nas Teorias *Queer* uma nova percepção e ressignificação sobre o meu corpo e existência, dentro de uma essência *queer*. Para além de um relato, este texto é também uma prática crítica e política contra as estruturas arcaicas de se pensar vivências/trajetórias dissidentes, ou não. Pensar o meu corpo *queer* significa que ele não possui uma ‘identidade fixa’, e que, se constitui de performances críticas e vivo minha subjetividade livre de amarras cis-heteronormativas.

Mulheres e homens, que vivem feminilidades e masculinidades de formas diversas das hegemônicas e que, portanto, muitas vezes não são representados/as ou reconhecidos/as como "verdadeiras/verdadeiros" mulheres e homens, fazem críticas a esta estrita e estreita concepção binária (Louro, 2003, p.34).

O foco está em meu corpo, em minha corporeidade dissidente, que através das lembranças efêmeras, explora as minhas nuances e diferenças, dentro de um sistema rígido de

privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas: passa desapercibida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objeto ideal ou moral” (2002, p. 230).

⁶ Os argumentos para discutir o corpo como principal mecanismo de resistência e de subversão de identidades, suscitam através das Teorias *Queer*. Ao escolher o termo *queer*, como agente provocador de autodenominação, emprega nele uma nova perspectiva de seu significado, tirando a conotação da palavra de anormalidade, perversão e desvio, para positivar seu efeito no sujeito e ir contra uma estrutura arcaica que regula a existência de indivíduos, sobretudo, surgindo não só como uma nova forma de pensar identidades, mas como materialização de lutas políticas de grupos marginalizados da sociedade (Miskolci, 2009). Então, esta nova proposta de ressignificação para o termo, nos leva a entender *queer* como uma prática de vida que se coloca contra as normas socialmente aceitas. “Os estudos queer atacam uma repro narratividade e uma repro ideologia, bases de uma heteronormatividade homofóbica, ao naturalizar a associação entre heterossexualidade e reprodução” (Lopes, 2002, p. 24). Outras preocupações em que as Teorias *Queer* se embasam, tem a ver com o desenvolvimento de uma analítica da normalização (Miskolci, 2009) que delimitam um novo objeto de investigação: a dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais.

⁷ Partindo das formulações de Paul B. Preciado e Gayle Rubin, sobre a noção de gênero, adiro poder crítico em utilizar o termo “cistema sexo-gênero” ou apenas “cistema”.

concepção de corpos, e que busca (re)existir e subverter os seus papéis sociais, marcadamente generificados. Esses momentos efêmeros de minhas lembranças não são totalmente vividos, o que acarreta uma dificuldade de formular uma linearidade histórica, porém, aqui não me interessa este aspecto. Busco na efemeridade de minhas lembranças e pensamentos atingir mais intimidade comigo mesma, criando uma escrita fragmentada, poética e pulsante sobre estas vivências.

Há momentos em que minha mente se desnorteia e cai num mergulho profundo de lembranças, que se perdem quando tento descrevê-las. Talvez seja isso, eu não preciso escrever todas as lembranças, lembrá-las, já constitui um estado corporal de como eu pensava, agia, falava, gesticulava... E nessa constituição me causam estados de sincronismo com minha essência, e consigo externalizá-las em minha corporeidade atual, criando essas conexões efêmeras, porém profundas, entre passado e presente.

Assim, as narrativas de minhas memórias mais antigas, se conectam às atuais, quando os mesmos gestos são provocados novamente, criando um *looping* de acontecimentos marcados por incomodações.

Tudo se repete...

As mesmas lembranças surgem e desaparecem

como avisos...

como chamados.

Chamados para o quê?

Por quê?

Como externalizar essas memórias?

Como dialogar com o meu corpo?

Utilizo a captura momentânea, de registros fotográficos (performáticos), para dialogar com as minhas sensações expostas, tanto neste texto, quanto nas experimentações e imersões em resgatar as memórias. A materialidade de meus pensamentos efêmeros, em formato de fotografias, adquire um significado para mim sobre a falta de material (visual) produzido durante

meus anos de existência. Fazendo com que, eu lembrar de momentos, de diálogos, gestos, sem ter uma proposta visual, provocaram muitas sensações de irrealidade, sobre minhas memórias.

Eu confio totalmente na minha memória corporal.

*Será a imagem do performer um outro estado performativo
criado a partir de gesto fotográfico?*

Porta ela o seu problema ou gera novas questões?

*Será a fotografia da performance um elemento de passagem aberto à imaginação ou
[...] uma linguagem definitiva, questionadora da suposta efemeridade da performance?*

(Biriba, 2021.1, sinopse para uso em aula)

Essa relação visual que postulo na elaboração de um ensaio em Foto Performance⁸, contribuem para a formulação etnocêntrica, autosubversiva, autoreflexiva e crítica (incômoda) de minha corporeidade e minha efemeridade memorial. Procuro aguçar a minha percepção sobre meu corpo, meus gestos, linhas, marcas e, em como reiterar a minha performance pós-identitária⁹ de (re)existir, de me colocar e de me fazer neste mundo.

Para salientar, as provocações desta pesquisa não se dedicam, essencialmente, a reunir um trajeto epistemológico sobre os conceitos abordados por ele, busco, pelo contrário, correlacionar estes saberes teóricos do que é um corpo *queer*, suas práticas, desejos e performances, às minhas memórias em resgate e vivências do cotidiano. Formulando, assim, uma

⁸ Fotoperformance é uma linguagem artística híbrida na qual a performance é concebida exclusivamente para ser apresentada em fotografia. Desde a década de 60 - antes mesmo de o conceito ser cunhado - a câmera fotográfica já se fazia presente nas obras performáticas, com o intuito de que os artistas pudessem registrar suas ações efêmeras e terem seus trabalhos documentados. Em suma: enquanto a performance se constituía como uma arte imaterial do corpo presente, fundada na experiência do tempo e do espaço, a fotoperformance já nasce materializada para o objetivo de tornar-se imagem, abrindo um campo de novas construções poéticas e não mais exigindo um encontro físico entre artista e público.

⁹ O corpo, essa entidade que transporta as marcas identitárias (e, como tal, o produto de vários discursos), é também o lugar onde se observa a rebelião da diversidade, e onde se ensaiam tentativas de subversão das fronteiras de gênero. Um exemplo escolhido pela autora neste livro é a figura da drag queen, alguém que, na sua opinião, parodia a ideia de essência feminina através daquilo que Judith Butler designaria por uma elaborada performance de gênero que denuncia o seu caráter de construção (eloquente a expressão do homem que traz consigo na mala os acessórios para se transformar: “eu me monto e a drag baixa”). Parece fazer sentido incluir também neste âmbito de subversão inúmeros pequenos gestos diários de resistência dentro do regime de gênero e sexualidade dominante, como os que são facilmente observáveis diariamente no cotidiano de qualquer escola (Louro, 2004).

linha de raciocínio entre as provocações e questões suscitadas pelos teóricos/teóricas *queer*¹⁰ e minhas experiências, provocações e questões em revisitar as minhas memórias.

Dito este ressaltado, traço três capítulos com fabulações epistêmicas diferentes sobre a minha corporeidade dissidente e um quarto capítulo como resultado e discussões de minhas Foto Performances, tanto em “ensaio biográfico” em que, capturo poses momentâneos da minha corporeidade, quanto outras que, no decorrer de minha vivência/trajetória acadêmica, foram sendo capturadas, entrando agora em análise, para abastecer as formulações de minha performance pós-identitária. Em Ecos da Existência, pontuo as colocações desta pesquisa, sobre as minhas epistemologias e analiso as possíveis continuidades que esta pesquisa se propõe, não entendendo como um ponto final, e sim, possibilidades outras de continuar.

Com a ajuda de Paul Preciado¹¹, com a sua utilização do corpo como um “laboratório político” e “ensaio biográfico”, onde a experimentação e a transformação do corpo são formas de resistência e autoconhecimento. Artigo, tirando este conceito de “corpo falante¹²”, as minhas questões corpóreas em três instâncias, como forma de um aparelho de redefinição e reconfiguração corporal, formulo a concepção de três ‘corpos’ vivenciados por mim, não de uma maneira dualista, mas, conceitual em que, esses corpos são reflexos do que vivenciei e me constituíram.

Ao primeiro corpo, eu o atribuí à narratividade das incomodações sofridas ao longo do tempo, que compreendem seus gestos, incomodáveis, pelo olhar do sistema imposto (heteronormatividade). Neste capítulo, emergem os fragmentos memoriais como flashes, sem um contexto definido ou um nexos temporal específico, abordando as palavras de descontentamento com meu comportamento corporal, que não exercia/exerce a função biológica de masculinidade¹³

¹⁰ Paul B. Preciado. Judith Butler. Guacira Lopes Louro. Gayle Rubin.

¹¹ Paul B. Preciado é um filósofo, pensador do feminismo e escritor transgênero, cujas obras versam sobre assuntos teóricos como filosofia de gênero, teoria queer, arquitetura, identidade e pornografia.

¹² O conceito de “corpo falante” em Michel Foucault, que é frequentemente associado a Preciado, refere-se à ideia de que o corpo não é apenas um objeto passivo, mas um sujeito ativo que comunica, resiste e transmite mensagens. Preciado, em seu livro “Testo yonki”, explora essa ideia ao descrever a experimentação corporal com testosterona sintética, que ele chama de “hacking” ou “pirataria” do corpo, permitindo-lhe redefinir e reconfigurar sua identidade e experiência corporal. Esse conceito rompe com a ideia tradicional de corpo como uma entidade estática e natural, destacando a plasticidade e a capacidade de transformação do corpo através de práticas e intervenções (Preciado, 2014).

¹³ Os estudos de Connell e Messerschmidt (2005) evidenciaram a existência de diferentes tipos de masculinidades, a hegemônica e a subordinada. De acordo com Connell e Messerschmidt (2005) a masculinidade hegemônica é uma estrutura que busca excluir, através das relações sociais e da cultura, qualquer variação de comportamento emitido por um homem, que não se adapte aos seus preceitos.

designada. Utilizo-me sobre o esquema metodológico da Escrivência para narrar de uma forma mais poética, intimista e sensível às experiências de meu Corpo Incômodo.

O meu segundo corpo, já cria para si suas contestações, reivindicações e se constitui um corpo mais ativo que comunica, resiste e transmite mensagens. Lanço-me a percepção de meu processo pós-identitário e subversivo de viver, resignificando os incômodos que cercam o meu corpo, apropriando-me de tudo aquilo que me foi questionada, apontada e xingada, e que, agora, questiona, provoca e destaca a plasticidade e a capacidade de transformação do corpo (Preciado, 2014), adquirindo, assim, práticas de subversão de identidades, corporeidades, subjetividades e vivências, um Corpo Subversivo.

O meu terceiro corpo condensa uma ideia de se expressar na constituição não-binária¹⁴ de existência. Entendido como a ausência de um gênero, homem e/ou mulher, garantindo meu corpo como uma multiplicidade de gênero, formulo, com isso, que não possuo características essenciais de um gênero binário. Ambiguidade? Ausência? Fluidez? Traço caminhos para entender este Corpo Sem Gênero pelas minhas práticas subversivas, construindo caminhos de possibilidades outras de viver uma jornada não-binária.

Corpo Incômodo contempla fabulações de que a constituição de um corpo não é natural, e sim, construtos sociais de conceber experiências identitárias. Por conseguinte, evoco as minhas memórias vivenciais, de momentos que marcaram de alguma forma a minha experiência corpórea, descrevendo em notas, contos e textos íntimos de tudo o que eu me lembro que passei e marco um encontro entre passado e presente para abraçar a minha Mulheridade, do futuro.

Através do modelo social de masculinidade hegemônica, homens são ensinados e validados a se comportarem de forma autoritária, racional, corajosa, poderosa, forte, destemida, independente, emocionalmente desapegada, homofóbica, agressiva, inabalável, sexualmente viril, o que inclui consumir álcool e objetificar a mulher. Por outro lado, as masculinidades subordinadas são aquelas associadas aos homens gays, ou com orientação sexual distinta da heteronormatividade, capturando também homens de origem não branca e advindos de classes sociais menos favorecidas (Connell e Messerschmidt, 2005; Connell, 2009).

¹⁴ Entende-se aqui a não-binaridade como um termo guarda-chuva que abrange as identidades que estão além do binário de gênero, homem e mulher, podendo ser a ausência, a fluidez ou a ambiguidade/multiplicidade de gêneros.

Figura 1: Corpo Incômodo - Fragmentos Corporais. 2024. Fonte da pesquisadora.



CORPO INCÔMODO

MINHA CORPOREIDADE E EU

*A minha corporeidade já foi imposta, criada, ordenada, moldada,
a partir do nascimento de meu corpo.
Já fui taxada, generificada no masculino,
atribuída uma corporeidade pelas formações de meu corpo biológico,
masculino.*

Este capítulo reflete o processo de meu corpo, entendido como incômodo, por suas práticas e desejos subversivos de existir, questionar e tensionar as normas binárias de se conceber experiências identitárias, abordando as palavras de descontentamento com meu comportamento corporal, que não exercia/exerce a função biológica de masculinidade designada. Trata-se do meu caminho pós-identitário, subversivo e questionador que minha existência dissidente flui.

Por dias, mergulho na tentativa de resgatar memórias muito antigas, de momentos que, de alguma forma, marcaram a minha experiência corpórea e identitária. As memórias surgem em fragmentos momentâneos, efêmeros, que dificultam lembrá-las com mais detalhes as minhas emoções, sensações e, também, poder entender o que aconteceu comigo. Parece que tudo o que vivenciei em minha vida foi descartado, apagado e não me lembro.

*As histórias surgem na minha mente, e depois desaparecem...
parece que meu corpo não quer visitar esses lugares...*

As memórias surgem como flashes, sem contexto definido ou um nexo temporal específico, quase como se fossem irrealis. Desenvolvi este capítulo com esses flashes momentâneos que surgem na minha mente, sem me preocupar com a linearidade dos acontecimentos ou com uma narratividade coesa, o estímulo é apenas relatar em fragmentos de diálogos comigo mesma, pequenos/grandes momentos que marcaram minha trajetória/vivência, revisitando críticas, incômodos, violações e estados corporais que suscitam ao mergulhar pelas

lembranças. Ao me envolver neste resgate de memórias noto que meu corpo guarda lembranças muito densas. Cada marca, cada cicatriz, cada gesto é um vestígio de experiências passadas, carregando histórias de resistência e subversão.

Essa semana dúvidas tem sido minha maior dificuldade, procurar maneiras de escrever o que eu lembro, sem me expor muito, sem perder a essência da lembrança também. É tudo muito rápido, muito instantâneo. Quando penso, não penso mais, já deletou, já afogou novamente.

*Não consigo experienciar, sem me engasgar com as lembranças, minha mente engasga, e eu não consigo respirar...
se ao menos eu conseguisse chorar;
para, talvez assim limpar a minha mente
de todo esse caos...*

O que mais me vem à mente nesses momentos de resgates memoriais, infelizmente, são aqueles momentos em que eu estou sofrendo por algo. Seja uma violência. Seja um temor por meus desejos. Lembro-me do sentimento da dor da (minha) existência. Momentos de negação à minha *queeridade*. Fragmentos negativos dos meus primeiros anos de existência, que remontam um estado corporal de fragilidade, de impotência e de desespero por ser diferente em algum aspecto. Isso me causa um certo bloqueio emocional por causa do teor das lembranças, são momentos muito perturbadores em que vivenciei que, não entrando em detalhes, me causam gatilhos emocionais, físicos, até hoje.

*Estava apenas existindo como uma criança,
ingênua e curiosa...
aprendendo a se enxergar;
a se admirar...*

Desde o momento em que nasci, a minha corporeidade foi imposta no mundo. Fui rotulada, criada, ordenada como menino por causa das características físicas de meu corpo biológico (pinto-menino-azul), e todos esperavam que eu me comportasse conforme as normas de masculinidades. Com isso, comecei a mergulhar nas minhas memórias, e notei que minhas ações, meus gestos, gostos e desejos, tanto sexuais quanto identitários, não eram parecidas ou sequer imitativas aos corpos masculinos que me cercavam. - ***Eu tentava me carregar das masculinidades, mas não dava.*** Todos demonstravam um certo nível de conformidade com sua masculinidade, algo que eu não sentia em mim.

*Não ande rebolando.
Isso é coisa de menina, pare já.
Você está 'magrinho' hein.*

As diferenças tornaram-se gritantes à medida em que crescia. As mudanças no meu corpo trouxeram mais e mais incômodos, com novos desejos se afluando, novas ações e novas performances se instaurando em mim. O meu corpo se constituiu de outras formas. O incômodo com meu andar, falar e gesticular, que criava um corpo “sem masculinidade”, tornam-se mais perceptíveis. Havia um código social de masculinidade e virilidade, sempre se afirmando e reafirmando como masculinos. E eu não me encaixava nele.

*acreditava fielmente ser igual a todos ao seu redor...
recebia elogios e mais elogios, à minha performance,
mas sabia, que lá no fundo, não sustentava a minha essência.
busca se afirmar, constantemente, na ideia de que iria mudar...
ingenuamente acreditava, que enganava a todos, com meu teatrinho...*

Esses códigos não me incomodavam de fato, mas suscitaram questionamentos sobre as percepções de masculinidades ao meu redor, que hoje entendo que não me satisfaziam, e compreendo como práticas subversivas da minha essência feminina. As marcações que tentavam cravar em minha corporeidade não eram alimentadas nem afirmadas por mim, por causa da minha feminilidade latente.

Diante disso, percebo que os códigos masculinos tinham visões diferentes em meus dois núcleos familiares. Em meu primeiro núcleo, paterno, as formulações de se viver como homem, másculo e viril, tinham uma visão muito mais tóxica, e arcaica de suas relações sociais, o que Connell e Messerschmidt (2005) pontuam como a masculinidade hegemônica. Enquanto, em meu segundo núcleo, materno, as propostas eram outras, apesar de ainda se constituir de seus “papéis principais” na sociedade, as relações eram menos tóxicas, abrindo espaço para a sensibilidade, o carinho, o afeto e a compreensão, a masculinidade subordinada (*in.*).

As visões sobre a feminilidade também, obviamente, mudam de um núcleo a outro, enquanto no primeiro, as constituições são mais arcaicas, misóginas, machistas e sexistas, de idealizar a mulher na sua ordenação submissa e passiva; no segundo núcleo, as mulheres tinham uma libertação maior do patriarcado, quase como um pensamento feminista, porém, sem as formulações propriamente do feminismo, mas constrói uma visão mais igualitária de direitos e deveres, por ser um ambiente familiar, mais matriarcal (minha avó-mãe). Ademais, as compreensões de homossexualidade, e a transsexualidade, são extremos que se complementam em algumas partes.

Os pensamentos dos dois núcleos, se fundem nesta percepção de novas formas de agir, pensar, desejar e performar. As formulações dos dois núcleos podem se complementar em alguns pontos de análise, atribuindo o mesmo sentido homofóbico e transfóbico, adquiridos pelo convertimento a religiosidade. Porém, a de se pensar os contrapontos, muito importantes, que se estendem ao respeito, amor e compreensão, em que o segundo núcleo constrói mais, do que o primeiro, ao qual nem tenho mais contato, diga-se de passagem.

Crescer diante destes incômodos à minha existência não foi/é fácil. Muitas vezes, eu mesma me desrespeitava por isso, internalizando os xingamentos e apontamentos para me autossabotar. Cada passo que eu dava, cada gesto que eu fazia, até lágrimas eram observadas e corrigidas em mim. Mas o que eles não entendiam é que o meu andar, os meus gestos, a minha fala, eram e são partes de mim, tão naturais quanto respirar. Cada tentativa de me moldar à imagem de um ‘garoto ideal’ era uma ferida que se abria em minha alma.

Revisitar esses momentos e comentários tem sido bastante estranho e aterrorizante. Essas memórias me deixaram reflexiva sobre os incômodos que meu corpo causou em mim, em certa parte da minha vivência. Quando eu não sentia orgulho de ser eu, de estar no meu corpo, de querer sair do meu corpo de alguma forma. Os traços que não se encaixavam na masculinidade esperada se tornaram um ponto de insegurança para mim. Eu sentia um medo de crescer, e ficar, me sentir mais diferente. Como eu seria adultx?

Meu primeiro processo de passar por um incômodo não foi comigo mesma, mas sim com essa diferença, que os outros perceberam sobre o meu corpo e os corpos dos outros meninos. O que depois desencadeou na manifestação destes incômodos em mim. Porém, a lembrança recordada, retorna a casa de minha avó paterna, no quintal, fim de tarde, provavelmente, encontro com a minha prima brincando com um esmalte vermelho. Então, em sua inocência, ela sugeriu que eu pintasse a unha do dedão da minha mão esquerda. E, em minha inocência também, brincando com minha prima. Pinteí. Mesmo sendo apenas uma única unha pintada, de cor vermelha, me senti maravilhosamente bem, e tudo parecia perfeito naquele momento. E estava, minha essência ficou radiante.

Foi a primeira sensação de alívio para a minha essência em experimentar viver!

E assim, no brincar inocente com minha prima, de um esmalte vermelho, com uma única unha pintada, descubro a beleza da minha verdade. A beleza da minha essência feminina. Se formando, e se constituindo bem ali, em minha frente. Um momento que ficou cravado em minha memória como o meu momento subversivo, o momento em que, o mundo, o universo, meu pai, minha prima, todos ali, olharam para a minha essência, e se incomodaram com isso.

No revisitar desta memória, linda, emocionante e forte de se (re)viver, também me lanço aos momentos que se sucedem a este evento momentâneo. O esmalte acaba de ser apropriado por mim, como um símbolo da liberdade de minha essência feminina, que explora a feminilidade, a corporeidade, o que é ser mulher. O esmalte, por outro lado, me revela a crueldade que a transfobia pode provocar. A intolerância, a insensibilidade, o preconceito de fato, foi o meu primeiro processo transfóbico de minha existência (sendo que nem sabia o que era isso

de fato). O esmalte se torna, também, por muitos anos, o símbolo do apagamento, do ódio, da privação, da constante oposição da minha corporeidade, não masculina. Esse pequeno momento é esquecido por muitos e muitos anos. Mas revisitado agora, e revelado sua total potência subversiva que minha corporeidade já se apropria, antes mesmo desta percepção ser formulada.

*Por um esmalte eu me percebi, eu me inventei, me admirei...
por um esmalte eu me fechei,
fui forçada a me esconder, me odiar e me privar...*

A partir deste momento, comecei a me perceber, me ver e me modificar como um ser que não sabia o que era, ou melhor, quem era. E a busca pela minha identidade, por saber quem sou, tornou-se um compromisso independente em minha jornada. Eu sabia que estava em busca de algo, só não sabia o que exatamente. Parece que as memórias que meu corpo viveu não existiram. E entrei em novas experiências identitárias que, acreditava ser eu de verdade.

*Nasci novamente, com 8 anos de idade, em outra casa,
com outras pessoas que me anunciaram Moisés.
Eu já tinha um nome.
Qual era o meu nome?*

(Re)Comecei uma nova vida. A base da minha existência agora é Moisés, um ideal de corpo doutrinado, um ideal de corpo normalizado, um ser idealizado, marcado e corporificado como masculino, porém com uma fissura: a homossexualidade é sua prática subversiva. A estranheza de seu comportamento chamava atenção, era quieto, educado, arrumado, cheiroso, bonito. Elogios esses recebidos que não sustentavam a sua essência. Moisés não se permitia experienciar seus desejos, sua performance política, abominava cada segundo a ideia de ser gay. Procurava se apagar, se mobilizar, e muitas vezes se punia por seus pensamentos “impróprios”, Temia a morte, temia o inferno, temia ser expulso de casa, temia sofrer.

Mas afinal, o que é o inferno, se não o ódio coletivo pela minha existência?

Figura 2: Corpo Subversivo - Subversão Interna. 2024. Fonte da pesquisadora.



CORPO SUBVERSIVO

PRÁTICAS, DESEJOS E PERFORMANCES

Ao revisitar esses lugares abandonados na minha memória, resgato práticas que, hoje, entendi como contra-hegemônica. Práticas essas que desafiam a “essência” substancial daquele corpo em desenvolvimento, exposto às idealizações cis-heteronormativas¹⁵, da masculinidade, dentro de um contexto de religiosidade, e constituindo um corpo doutrinado, mas ainda homossexual. Diante das formas violentas e incomodadas com meu jeito de ser, meu corpo sucumbiu ao apagamento, deixando-se levar pelas idealizações heteronormativas compulsórias (Jagger, 2008) e performando um ideal masculino de ser ‘homem’ e ‘cristão’. A cada dia, percebia que a masculinidade esperada de mim não era algo inerente ao meu ser, mas sim uma repetição de atos impostos socialmente (Butler, 1993).

O que fazia os conceitos de masculinidade se valer em meu corpo quando eu tentava negar a minha essência, formulando ataques contra mim mesma, com choros à noite, e compulsivas orações para me livrar desse “pecado”. Fui doutrinada a me odiar, odiar os iguais a mim. O meu corpo foi produzido a ter uma certa aversão ao sensível, ao afeto, “práticas da feminilidade”. Por conseguinte, em momentos leves e de descontração, admitia a mim mesma, em momentos solo ou com amigos de infância, liberdade à minha essência feminina, através de personagens criadas nas rodas de brincadeiras, mesmo sem entender suas intenções, nesse momento era a forma de liberdade que minha essência se apropriou. Interessante perceber que, desde criança, minha essência feminina era algo que eu não sabia esconder, mesmo acreditando que ninguém suspeitava de nada.

¹⁵ Historicamente estabeleceu-se uma norma para controlar as condutas ditas normais, baseada em relações de poder, em que a referência está pautada no homem heterossexual, branco, cristão, urbano e de classe média. Todos aqueles que não se encaixam neste padrão são denominados “outros” e que serão definidos em contraponto ao modelo. A heteronormatividade que se define por uma norma compulsória à heterossexualidade, está apoiada na ligação entre sexo, gênero e expressão da sexualidade (Louro, 2009. p. 90).

*As brincadeiras foram a minha válvula de escape...
brincar, me inventar todas os dias, como uma personagem diferente,
era mágico essa prática emancipadora...
E construir uma relação de confiança com pessoas que
não me julgavam e acreditavam na minha personagem,
na minha essência!*

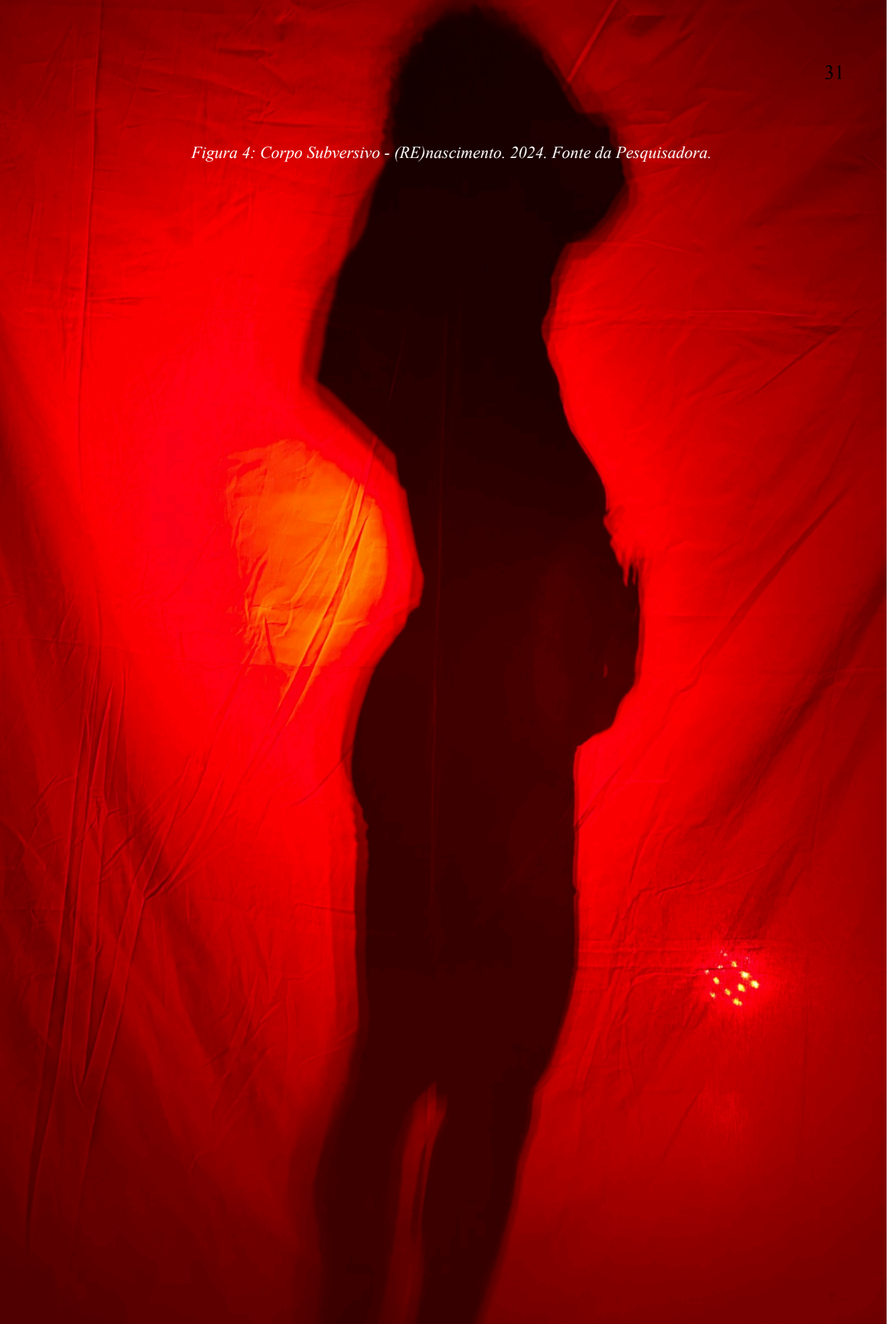
Nas imersivas experiências de autoconhecimento, eu acredito profundamente na minha estética subversiva¹⁶ e em minha vivência repleta de atos, gostos e desejos insurgentes, que ao revisitar minha jornada, me recordo das violações e incomodações, sim, mas também das conquistas, da resistência e do desejo fervoroso de viver da forma mais livre possível neste mundo.

¹⁶ Duchamp constitui um dos primeiros choques às normas de gênero. Ele buscava colocar em questão o ato artístico, o fazer artístico, portanto a tradição em si. Utilizava do trocadilho “Sélavy” - *C’est la vie* - “é a vida...” o que podemos identificar que, a dinâmica de nossas vidas não precisa estar atrelada à padrões de gênero. Para ele, o importante não era satisfazer a vista, mas provocar reflexões. Nesse sentido, Duchamp cria, com suas imagens subversivas, um processo antropofágico, não só próprio ao sistema artístico, mas do próprio sistema enquanto espaço de disputa política e ideológica.

Figura 3: Corpo Subversivo - TRANScendência. 2024. Fonte da Pesquisadora.



Figura 4: Corpo Subversivo - (RE)nascimento. 2024. Fonte da Pesquisadora.



Em uma de minhas imersões e experiências de autoconhecimento, imersa e reflexiva, uma lembrança saltou à minha mente, brilhante como a intensidade de um farol no meio da tempestade. A minha primeira memória de profanar o meu nome, Gabriella, pela primeira vez. É o mais belo resgate que consegui fazer nesse vasto oceano de memórias. Por volta dos meus cinco ou seis anos de idade, lembro-me com nitidez da empolgação, do ânimo e do êxtase ao dizer o meu nome, ao me afirmar Gabriella, ao me imaginar adulta, ao anunciar como eu seria no futuro. Era um ideal de corporeidade feminina, formulado na mente de uma criança. Foi a sensação mais mágica e concreta que já experienciei na minha jornada. Havia uma confiança sólida na credibilidade da minha essência feminina.

Não sei de onde veio, não sei como surgiu, só sei que senti e profanei - no sentido literal da palavra, meu desejo profundo de ser Gabriella. Uma manifestação doce, gentil, amável e feminina, um ideal de nome, um ideal de corporeidade, um ideal de personalidade, um ideal de ser, ser uma mulher. Que, quando eu me descrevia, era exatamente assim que me enxergava: totalmente nos moldes da feminilidade.

Esse ato, atualmente, me reverberou tanta empolgação, tanta vontade de saber o porquê de eu profanar este nome. Quando eu me recordei deste momento, foi muito rápido e embaraçoso até, eu estava com amigas na faculdade, estávamos realizando um trabalho, e tínhamos que formular nomes artísticos, por que, em nosso trabalho, criamos um *talk show* para entrevistar profissionais da Dança, enfim, foi quando eu estava pensando em como seria meu nome e afins, quando eu mencionei um apelido para mim, Gabb (assim, com dois B), me questionaram, como assim, porque, apenas, me veio na cabeça este nome. Esse acontecimento, foi vivenciado há muito tempo, antes mesmo de entender o que escreveria no meu TCC. Mas, me marcou, foi um novo momento, me sucedeu assim, de Gabriella emergir em minha vida novamente. Até agora, ainda não sei por que inventei, Gabriella.

*Gabriella se constitui como a prática subversiva
mais bonita, sensível e poética de minha jornada...
a minha criança, acreditar fortemente que seria sim,
um dia, Gabriella, me deixa muito tocada...
ela acredita mais nela mesma do que eu.*

Na vastidão de minha subjetividade, as Teorias *Queer* tornaram-se minhas aliadas, suscitando pensamentos e formulações que ressignificam minha experiência identitária. Ao me autodenominar *queer*, evoco uma percepção do meu corpo, de minhas ações e desejos não como falhas, mas como atos de resistência contra um “cistema” arcaico de se pensar existências. A estética de minha vivência subversiva é um tecido vibrante de cores e texturas, onde cada fio é uma lembrança, uma vitória, um grito silencioso de liberdade e coragem, que transcendem as normas, que celebram a fluidez de minha existência, e que afirmam a beleza de uma experiência que não se prende a moldes fixos, como forma de (des)organizar meu corpus ao adquirir práticas contra a hegemonia vigente, de corpos moldados pela cisnormatividade, heteronormatividade e binarismo de gênero, homem e mulher.

Para entender minhas práticas subversivas, mergulhei no profundo e sensível campo da memória, resgatando experiências vividas e anotando as perspectivas e nuances da minha revolução pós-identitária. Ao me perceber *queer* não atribuo a ideia de me encaixar em algo; pelo contrário, são formulações e práticas não fixas de experiências identitárias, autos subversivas. *Queer* não é uma identidade, *Queer* são práticas de resistência e subversão (Louro, 2002). Com isso, formulei caminhos para compreender minhas práticas de (auto)subversão. Entender o meu Corpo Subversivo retorna-me aos questionamentos feitos por mim e por terceiros, questionamento de incômodos, mas que se transformam em provocações e reflexões.

Adquirir performances femininas dentro de uma corporeidade não feminina (hegemônica) já revela um caminho significativo para entender minhas práticas numa perspectiva subversiva.

*Utilizar os saltos de minha mãe,
pegar as roupas de minha avó,
usar as maquiagens, brincar de boneca com minha irmã
são momentos únicos e rápidos que me vêm à mente.*

Figura 5: Corpo subversivo - Poses. 2024. Fonte da Pesquisadora.

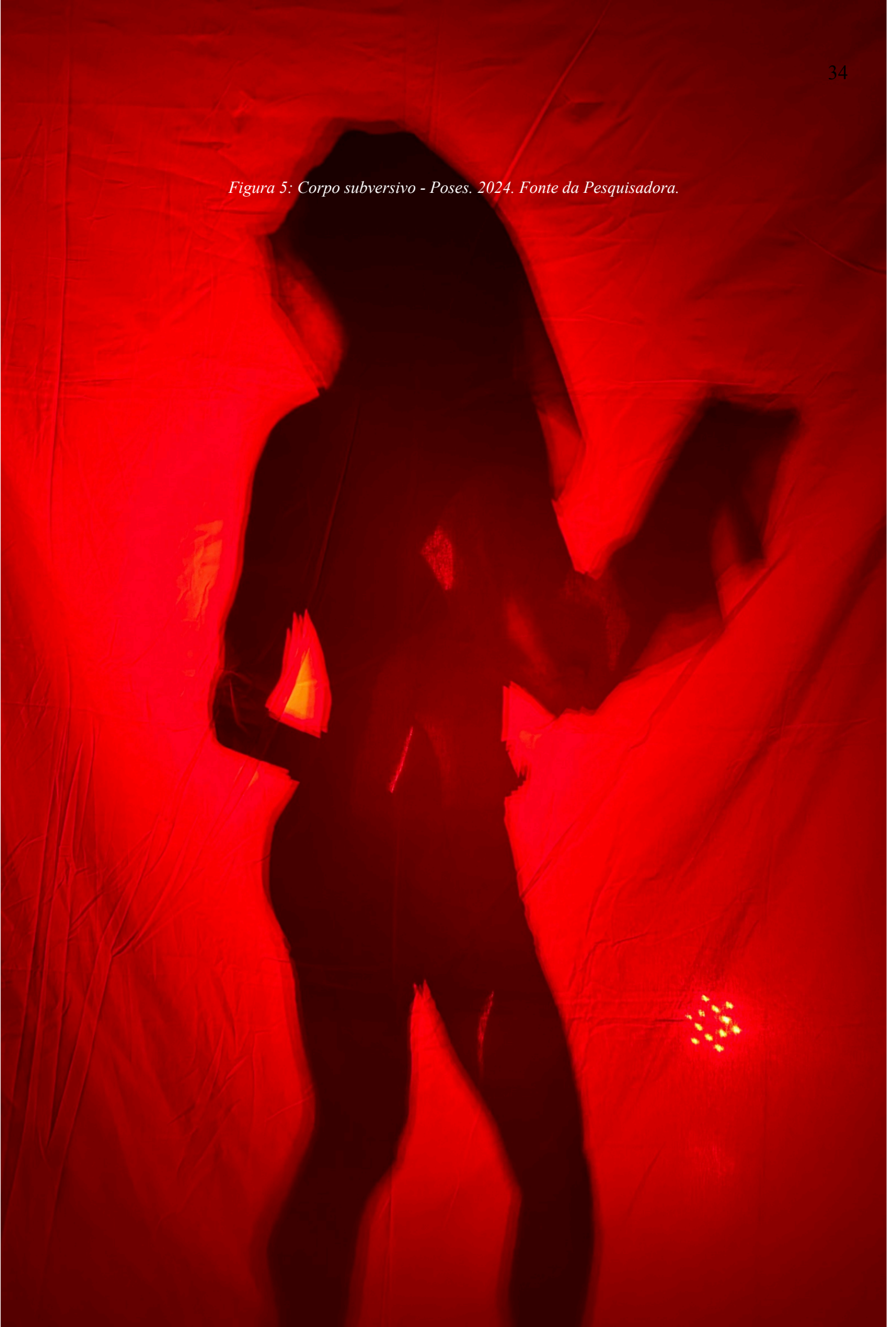
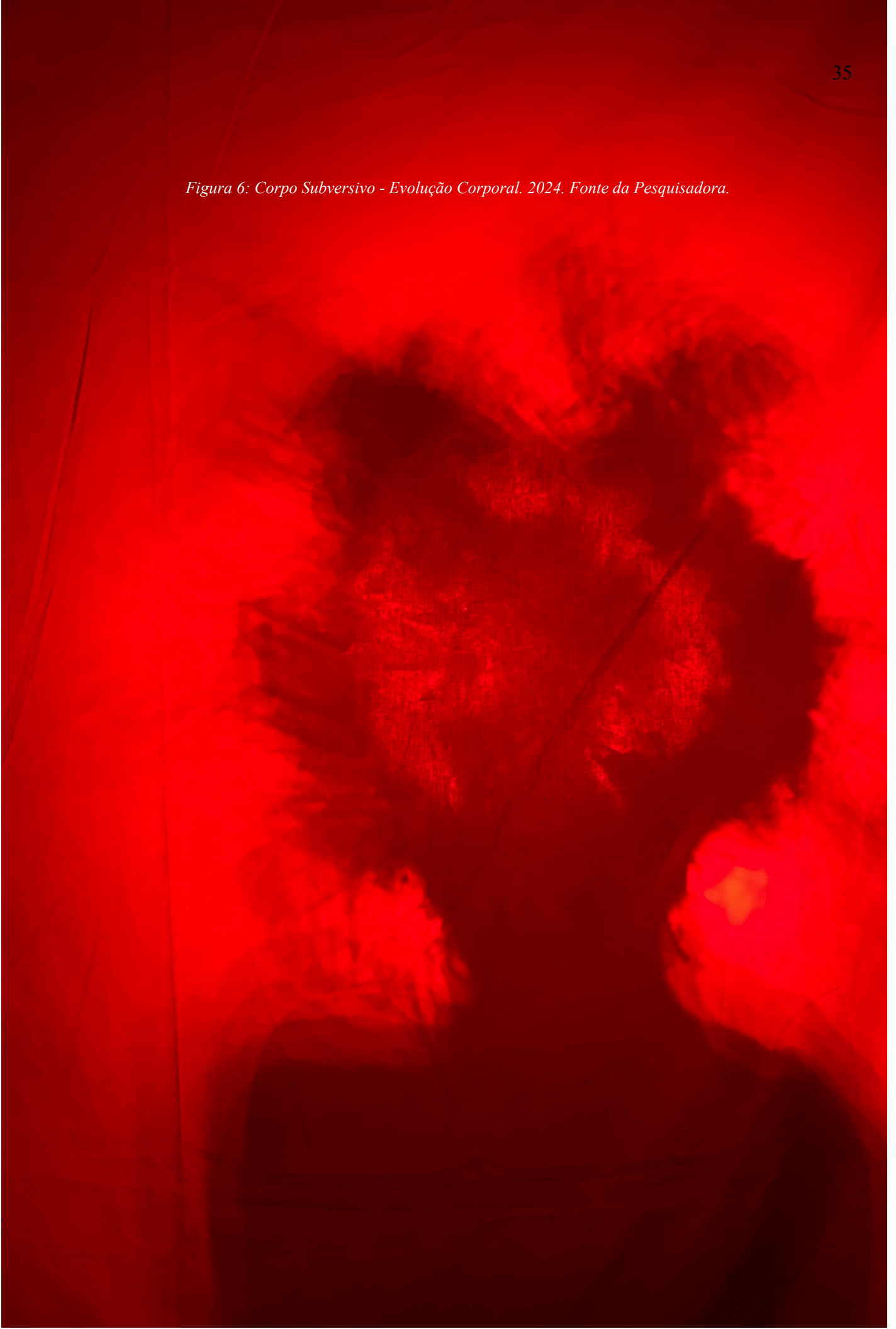


Figura 6: Corpo Subversivo - Evolução Corporal. 2024. Fonte da Pesquisadora.



Imergindo nas minhas experiências auto subversivas, desenvolvo algumas ideias de minhas práticas subversivas. As minhas primeiras práticas são codependentes, sendo a primeira, voltada a perspectiva da minha transmutação não-binária, compreendendo minha corporeidade como Sem Gênero. Uma constituição que não se entende na finita binaridade de gênero, mas nas nuances infinitas de possibilidades identitárias. A segunda perspectiva está entrelaçada no encontro com a minha Mulheridade, um caminho que percorro para entender a essência da minha feminilidade dentro do meu corpo não hegemônico, e não conformável à processos de transição, aderir uma finalidade. As formulações mais detalhadas serão exploradas no terceiro “Corpo Sem Gênero”.

Neste capítulo, aprofundo-me na minha terceira perspectiva subversiva, ao ser criado entendimentos errôneos sobre a formulação de me constituir de dois nomes de sexo-gêneros opostos, formando, com isso, grandes interpretações e ideias deturpadas ao meu processo. Essa incomodação ressoou em contextos desconfortáveis ao tentar traçar um respeito pelo meu nome. Senti-me extremamente incomodada com a *queeridade* que tanto prego em mim. Esse momento me fez questionar todo o meu processo de Transgeneridade. Senti que voltei a ser criança, e fui manipulada novamente. Como Butler (1993) pontua, as possibilidades outras de (re)existir são reguladas pela estrutura rígida da heterossexualidade compulsória e os discursos que a sustentam.

Ainda não consigo entender a dificuldade em respeitar o nome e o pronome de pessoas que não se conformam com o processo de transmutação de corpos transsexuais. - ***Eu também sou um corpo trans*** -, que não se submeterá a processos cirúrgicos ou hormonização desrespeitosa com meu corpo, e não busco uma finalização no meu processo. Corpos transsexuais são plurais, diversos e singulares. E é isso que venho afirmando, me apropriando da minha *queeridade*, a minha Mulheridade, mesmo que isso incomode, até com a minha nominação.

Qual é o meu nome?

O que tem a ver o meu nome ser composto por ‘distintos sexo-gênero’?

Por que eu não posso ressignificar o meu nome masculino,

atribuindo um segundo nome femunino?

Temos então, um corpo materializado que não deseja se modificar e se perceber no ‘cistema’ binário de gênero. Que formula, ao utilizar nomes de sexo-gêneros opostos, um corpo não-binário marcado por um processo pós-identitário, e não pelo ‘cistema’ da binaridade, atribuindo uma perspectiva subversiva a esses nomes. A classificação que os nomes são atribuídos à sexo-gêneros opostos, que se constituem a partir de seus papéis binários de existência na sociedade (Gabriella-feminina-mulher; Moisés-masculino-homem), marcá-los em meu corpo não-binário denota uma ressignificação de seus signos e símbolos identitários. Minha constatação não se refere a dois seres de distintos sexo-gêneros que circundam o mesmo corpo (o meu corpo), mas sim, às incomodações que o ‘cistema’ binário de gênero imbrica a minha corporeidade adquirir dois nomes de sexo-gêneros opostos como forma de nominação e apropriação pós-identitária.

Eu busco romper com a ideia de uma transição de gênero também, assumir o meu nome Gabriella-Moisés, agora os dois juntos nesse sentido, postula essa minha visão de que, são somente nomes, isso não significa nada, pelo menos para mim. Os significados eu crio, agora eu os constituo como meus nomes compostos. eu sou Gabriella-Moisés, e eu possuo os pronomes Ela/Dela.

Por que entender essas marcações em meu corpo, não é fácil?

Por que as pessoas se sentem confusas em entender a definição de meu nome?

Por que, em meu corpo, as dúvidas sobre essa performance se instauram?

José Maria, não se incomodam com seu significado.

São essas dúvidas que pairam sobre a minha cabeça.

Dessa maneira, expresso minhas práticas subversivas que me levam ao encontro com minha Mulheridade *Queer*. Esses papéis aos quais meu nome de sexo-gêneros opostos é atribuído, eu lhes dou novos formatos, novas constituições de apropriação, ressignificação, mas também de (re)performar suas significações de maneira subversiva, incômoda e em outras corporeidades.

Figura 7: Corpo Sem Gênero. 2024. Fonte da Pesquisadora.



CORPO SEM GÊNERO

POSSIBILIDADES OUTRAS DE EXISTÊNCIA

Refletir sobre a minha infância, nesses resgates momentâneos, através de frases, palavras e brincadeiras, me permitiu conhecer melhor a mim mesma, ainda que de uma forma superficial. De vez em quando, lembranças mais específicas e profundas surgem, me transportando a lugares dentro de mim que eu não sabia como descrever. Talvez eu ainda não tenha maturidade emocional para tal feito. Porém, foi por meio de alguns experimentos que consegui criar uma conexão comigo mesma, algo que nunca havia feito antes. Essa conexão me levou a revisitar memórias, não só dos eventos em si, mas de como eu me sentia na época e qual era o meu estado corporal mais frequente.

Minha vivência subversiva é uma dança entre momentos de dor e epifanias de autodescoberta. Desde que comecei a perceber meu corpo, senti a ausência de um estado fixo de identidade, partindo das fabulações hegemônicas. Em meu corpo um vácuo habita dentro, um espaço onde a essência da minha feminilidade floresce, ainda que eu não possuísse um corpo feminino. Este vácuo revela-se nos instantes em que me permito a manifestação pura de minha feminilidade, uma força que desafia as fronteiras impostas pelos rótulos de gênero.

Esses resgates de memórias, essas viagens ao passado, são como mergulhos em um oceano de sentimentos e sensações esquecidas. Em cada imersão, reencontro fragmentos de quem eu sou, onde cada peça vai contribuindo para o quebra-cabeça da minha formulação pós-identitária. Os experimentos para resgatar essas memórias foram momentos de introspecção profunda, um diálogo silencioso com meu próprio ser, onde cada suspiro e cada batida do meu coração revelavam um pouco mais da minha essência.

Como conversar comigo mesma?

Como criar intimidade comigo?

Eu sou uma total estranha dentro de mim mesma.

Uma simples pergunta - *Como era para mim viver no meu corpo?* fez reverberar inúmeras questões dentro de mim, questões que, neste momento, não consigo responder todas, talvez nem em toda a minha vida. Mas o esforço de tentar, compensa, pois a cada tentativa, a cada reflexão, conheço-me um pouco melhor. Ao recordar sobre minha história, minhas emoções e sensações, percebi que não me conheço verdadeiramente. - *Você não se conhece!* - essa frase foi dita por mim, para mim mesma, em uma de minhas experimentações de construir um diálogo interno. Lançando-me a esta afirmação, como se nada fosse nada, formulei este capítulo, um experimento de fabular um porque de Corpo Sem Gênero.

Parto de uma imersão em mergulhar internamente pela minha mente, baseando-me em uma atividade do mergulho de si, uma proposta do Projeto CASA¹⁷, orientada pela Profa Dra Yara Costa¹⁸, ao qual faço parte e que busca, entre outros objetivos, o autoconhecimento através das práticas socioemocionais e do conceito de escrita de si. Neste dia, afundei nesse mergulho como nunca antes feito, me senti literalmente sem ar, morta na verdade. Esse experimento mexeu muito com o meu emocional, foi uma angústia, envolta por uma sensação de alívio, por estar conversando comigo mesma, mas também, houve desespero por estar de fato acontecendo essa conversa. Enfim, o que aconteceu nesta imersão foi um estalo sobre o que as minhas provocações, inquietudes e essa ganância por resgatar momentos efêmeros, podem me reverberar.

*Isso me levou a um lugar de que eu nunca busco continuar...
encarar as coisas da vida, é muito difícil para mim,
manter um diálogo comigo mesma...
foi sufocante*

¹⁷ A metodologia CASA quer entender como as especificidades de gestos pode romper com grandes estigmas, se os conhecimentos adquiridos ao longo da vida foram criando raízes tão profundas, que são difíceis de desestabilizar. Isso é notório no cotidiano, na minha vida e das pessoas, dos alunos e artistas que estão próximos, percebo o quanto a acomodação é sedutora (Passos, 2024).

¹⁸ Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP). Mestra em Performance Artística - Dança (FMH/UL). Pós-graduada em Coreografia (UFBA). Professora do Curso de Dança da UEA. Professora do Programa de Mestrado Profissional ProfArtes (UFAM/ UEA). Foi Diretora-Interprete-Criadora da Índios.com Cia de Dança. ycosta@uea.edu.br

De fato, essa imersão me acordou de muitas lacunas que eu escondo, outras que estão escondidas, mas essa sensação de que eu não me conheço, ou eu não consigo conversar comigo mesma, foram muito presentes. Eu acredito que vem muito do lugar de que, eu sempre me resolvi sozinha, nunca tive uma atenção muito afetuosa comigo, Corpo Incômodo mostra muito bem isso, sempre por esse viés, eu sempre incomodava, então, reprimir minhas emoções, reprimir esses sufocos, não foi muito difícil. Esquisito criar uma narratividade sobre minha trajetória/vivência, eu não sei relatar nada.

Eu posso ter um Corpo Sem Gênero?

Essa pergunta ecoou para mim, em um outro momento de vivência imersiva, onde estava tentando entender alguns aspectos que, quando me olho/olhava no espelho, eu não enxergava nada. Não como uma relação disfórica com o meu corpo, não seria isso, mas, é como olhar no espelho, ver o meu corpo, mas não enxergar nada, literalmente, como um papel em branco, uma sala vazia, o vácuo do espaço. Por conseguinte, pensar na relação que eu tinha/tenho com meu corpo é levar-me para um local onde não percebia (percebo) meu corpo dentro da binaridade homem/mulher. Apesar de formular idealizações e contextos para minha existência dentro da feminilidade, eu não me enxergava - ainda não me enxergo - necessariamente como uma mulher, tampouco como um homem. Entendo que, meu processo de Transgeneridade está na não binaridade de gênero, e que, dentro desta formulação, eu encaro a feminilidade como a minha essência, com o que eu me sinto mais confortável em performar.

A feminilidade, para mim, é uma alternativa subversiva de expressar uma existência latente. Penso no meu Corpo Sem Gênero, por meio da perspectiva de que as dicotomias e binaridades dos papéis sexuais de feminilidade e masculinidade não suportam a minha essência. A feminilidade na minha autossubversão é um caminho de possibilidades outras, de viver uma jornada que cria fissuras nas instituições do corpo sexuado. É minha maneira de "produção de gênero", que estrutura uma nova abordagem de pensar as feminilidades e as multiplicidades de gêneros no cotidiano.

Minha Mulheridade *Queer* contempla-me por confirmar minha essência feminina, meu sentimento, minha sensação e percepção de que - ***sou uma mulher, em um corpo não hegemônico!*** Encontro minha Mulheridade, vivo minha Mulheridade estando em meu corpo não hegemônico. A busca pela minha essência feminina percorre um caminho complexo, um processo de encontro fluido. Mas não tenho afinidade em definir-me em uma ‘identidade’ dentro das concepções binárias, cisnormativas. Utilizo-me do processo pós-identitário para afirmar a minha essência, a minha vivência feminina. Não permeio pelo binarismo de gênero; comecei a reparar e perceber que não me sentia mulher e/ou homem, não me via, sentia, ou percebia neste espectro dual de gênero hegemônico. Por isso, formulo esta concepção de um Corpo Sem Gênero, entendido dentro do conceito de não binaridade, atrelado à ideia de que não existe um ser, de alguma conformidade generificada, que preceda a vivência de meu corpo - ***não tenho a essencialidade de parecer uma mulher.***

A todo instante, eu me via confrontada com a masculinidade que esperavam de mim. Não era algo inerente ao meu ser, mas uma repetição de atos impostos pela sociedade, uma máscara que não me pertencia. Minha existência sem gênero desafia a binaridade. Minha essência feminina desafia a binaridade. Eu não possuo as características essenciais de um gênero específico, meu corpo se constitui no mundo sem fronteiras de gênero.

Vivo e percebo-me dinâmica, provocando reflexões de que não estamos atrelados a padrões de gênero. Pontuo minha fundamentação na era pós-identitária, onde "homem" e "mulher" são termos que não capturam minha multiplicidade humana. Não quero ser mulher, não quero ser homem, ser gay, trans, drag. Minha essência se contempla nas formas de minha vivência subversiva, de incomodar com meu nome, com meu corpo, com minhas roupas, com meu cabelo, com a minha pele, e com tudo o que a hegemonia trata como "normal", e pontua “anormal” em mim.

Encontro minha Mulheridade no processo, nas curvas da minha pele, nas pontas dos meus dedos, nos cílios dos meus olhos, no contorno da minha boca. Minha Mulheridade é latente, potente, se constitui todos os dias, resignificando normas, binarismo, heterossexualidade, homossexualidade, transsexualidade. Com minha resistência, potência e eloquência, resisto a moldar-me nas amarras da cisgeneridade e das tecnologias que as cercam, construindo o meu CORPO.

AS NARRATIVIDADES DE UM CORPO...

EM PERFORMANCES

Ao formular várias pistas sobre as constituições de meu corpo, opto por começar este tópico com três narratividades que, de alguma forma, adentram a perspectiva de minha revolução pós-identitária. Início voltando ao cerne das revoluções em minha trajetória/vivência, ao admitir a mim, e a todas, todos e todes, à minha volta, minha fabulação imaginária de performar um balé de repertório, com variação feminina. Alí se constitui o início de minha jornada e o convite a resgatar momentos de minha existência em que, abraçam a minha feminilidade, ao mesmo tempo que se nega, incomoda outras.

Quando cheguei na academia de artes em Dança, logo me encantei pelo balé clássico, que se torna a minha paixão pelos próximos seis períodos decorridos pela graduação. A delicadeza, a sensibilidade, a força da feminilidade presente na prática, reverberaram em histórias, momentos e na recordação de minha feminilidade. As roupas que comprei, a sapatilha, saias de tules, todos esses acessórios que contemplam o universo do balé clássico, me proporcionou construir uma nova maneira de me admirar, partindo de minha percepção feminina.

Proposto a pesquisa e escolha de um balé de repertório, no quinto período do curso de Dança, já cheguei com um questionamento se eu, “um homem”, biologicamente, poderia escolher uma variação feminina. No momento do questionamento, de apontar esta possibilidade, não fui julgada, aparentemente, fui percebida neste momento, e “legitimada¹⁹” a seguir com minha idealização.

Seguindo as propostas levantadas pela pesquisa, utilizo a investigação da Escrivência para formular meus pensamentos, emoções, sensações e estados corporais para contar em poesia as nuances de minha trajetória/vivência, diante dessas performances. Neste tópico, embarco na revisitação dos momentos que se antecederam, se sucederam e se

¹⁹ Utilizo aqui o legitimada, entre aspas, por que na época, atribuir uma legitimidade sobre as reverberações de meu corpo, à terceiros, era uma prática para me assegurar um certo conforto, de alguém que poderia me ajudar em alguns momentos. Porém, esta contestação está obsoleta, atualmente, não cabe a ninguém, me legitimar, me perceber, me acolher. A mim atribuo essas características de me respaldar.

reverberaram de três atos performáticos dentro da Faculdade, entre os quinto e sétimo períodos, em Maio de 2023 à Setembro de 2024. Estes trabalhos condensam, epistemologias corporais, baseada em suas personagens, e o que eu atribuí de significado à elas. Os vídeos das performances podem ser encontrados no link do Drive²⁰, os meus dois primeiros solos, Nikiya é RITO, o espetáculo “De Volta à Beira”, com a cena “Sagrado e Profano” não possui os registros em vídeos, mas, editei um vídeo e postei em minha rede social, que pode ser acessada pelo link.

²⁰ <https://drive.google.com/drive/folders/1KQcksDdgh5Wt5uBwbZaQFVm2Bsg0w6Qv>

Figura 8: Variação do Balé de Repertório - "A morte de Nikiya". 2023. Fonte da Pesquisadora.



NIKIYA - CORPO FEMINILIDADE

No dia 25/08/2023 se realizou um sonho, performar Nikiya, o meu balé de repertório favorito, com a minha variação favorita. Foi uma das melhores experiências que eu já havia passado. Foi mágico. Foi lindo. Tudo foi perfeito neste dia. Porém tudo começa bem antes de subir em um palco e se apresentar. Construir esta personagem em mim, foi o melhor desafio para mim. Eu aprendi tudo muito rápido, tecnicamente, emocionalmente e suas características e nuances de ser a Nikiya. Eu planejei tudo, cada detalhe da execução desta variação.

A primeira vez que assisti a este balé, eu me encantei, a história me cativou muito, uma bailarina, que acredita no amor, é dedicada, a melhor do templo, e é traída e assassinada. Quase a história da minha vida. Mas, me identificar com ela, foi muito fácil, ela porta a delicadeza que eu idealizava na infância, ela porta a sensibilidade, a feminilidade dela é florescente, tudo nela é feminino, e acredito que isso me aproximou mais da personagem. Essas características reverberaram na minha essência feminina, me senti, depois de muito tempo, mulher de novo. Por isso atribuo a ela a Corpo Feminilidade.

Ela exala feminilidade, ela é a feminilidade, e eu, no dia 25 de Agosto, depois de construir por muito tempo, de ensaio, de preparação, exalar a feminilidade. Senti a feminilidade. Compreender isso é essencial para a formulação da minha corporeidade feminina. A minha dedicação, a minha motivação de viver essa experiência, só solidificou meu pensamento de que eu sou uma mulher.

Trago a variação de Nikiya, como um objeto de análise, para observar, assim como minhas memórias fragmentadas, que a minha Mulheridade esteve sempre latente, sempre se mostrando e se manifestando. Em todos os detalhes de concepção desta personagem, até com relação a seu figurino, um figurino vermelho, que significa tanta coisa pra mim. Vermelho para mim é liberdade, mas também prisão, é orgulho, mas também vergonha, é empoderamento, mas também é timidez. Essa cor existe para mim em vários graus de significado.

Lembro-me que, desde que eu escolhi essa variação, eu ensaio e treino incessantemente. E em todas as aulas eu ensaiava, queria ser perfeita, porque para mim, essa performance, significa tudo isso, a liberdade, o empoderamento, o orgulho de ser eu. Eu criei esse caminho para mim, eu me determinei a entregar o melhor de mim, o melhor para mim, o melhor para Nikiya, que também se constituiu a mim.

Figura 9: Releitura "La Bayadere"- RITO. 2024. Fonte da Pesquisadora.



RITO - CORPO SACRIFICIAL

Construir as propostas de RITO, foram muito mais complexas que performar Nikiya, pelo fato de que, na época, as minhas provocações performáticas em cena, ainda eram muito limitadas a formas mais quadradas de planos coreográficos, não me engajava muito nas propostas da performance, linguagem que eu gosto muito, atualmente. Então, conceber este processo, de criar uma releitura, do meu balé de repertório favorito (sim, RITO, é uma releitura da cena de ‘A morte de Nikiya’ do balé “La Bayadere”), com novas possibilidades, com novas interpretações, fiquei muito bloqueada na criação deste processo.

Aqui me atentarei a narrar como foi para mim a concepção desta performance/ritual, que procederam em processos muito turvos e complexos para a minha idealização do que era uma performance na época. Como já postulado, o bloqueio criativo foi muito forte para minha concepção cênica. O nosso objetivo (a turma de Dança Clássica V) era elaborar uma cena em releitura da cena de variação, do balé escolhido, podendo adquirir qual estilo/técnica de Dança que se sentia confortável, só não podia o clássico, o que me deixou mais nervosa, pois já havíamos performado uma dança clássica, no semestre passado.

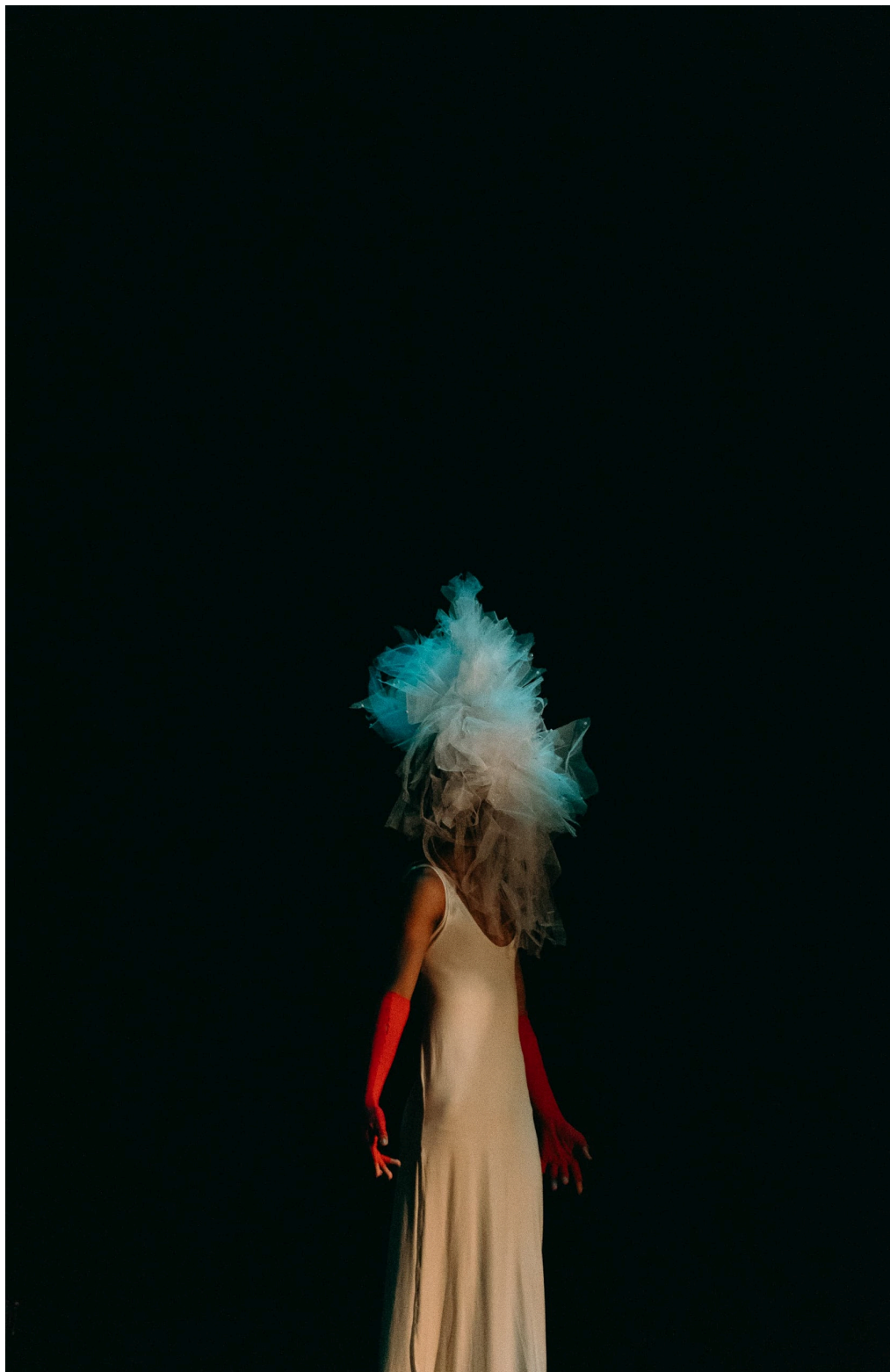
Então, o que eu fui buscando construir foram as nuances que a personagem tem na sua personalidade. Adentrei nos aspectos psicológicos que o balé de repertório possuía. Procurei algo em que eu pudesse me segurar, e que eu também soubesse. Me instiguei pela dualidade que a personagem apresenta, na sua doçura, gentileza e sensibilidade, para alguém que se transforma quando quer alguma coisa, sendo raivosa, brutal e implacável. Busquei amarrar algum conceito sobre estes aspectos que tangem a personagem.

Mas RITO foi para um outro viés, mas seguindo uma mesma linha de raciocínio de sua raiva, propôs explorar a raiva de traição. No balé, a Nikiya é traída por seu noivo, por causa de ganância, então, no dia do noivado de seu ex-amor, Nikiya é convidada a se apresentar com uma dança para os noivos, e ao final desta dança, Nikiya é picada por uma serpente, que estava escondida dentro de um cesto de flores, e morre aos pés de seu amado.

Com isso, trouxe uma trama de vingança da parte de Nikiya, que em minha história se chama Nila. Que ao morrer, ela volta dos mortos para cumprir com uma dívida cármica, que foi a sua morte repentina, por conta de um assassinato. Então, ela é concedida pelos deuses para voltar à terra, ao mundo dos vivos, e deverá perdoar aqueles que lhes fizeram mau, para poder descansar em paz absoluta no paraíso cósmico. Só que, sua alma está tão corrompida pela raiva de seu noivo, e a amante, ao seu olhar, que ela quebra o contrato com os deuses e, ao invés de perdoá-los, ela promove um ritual de purificação. Esse ritual era na verdade para se livrar do seu ex-amor, não sentir mais nada por ele, porém, a sua raiva e desejo de vingança, manipula a situação e joga uma maldição para o seu ex-amor, que se concretiza, na morte dele e dela, ao qual os dois se juntam, novamente, no paraíso.

Essa releitura me propôs expressar um episódio da minha vida, não fui traída, mas fui enganada por uma pessoa, e isso me causou muita dor, tanto física quanto emocional, e criar esse ritual para me livrar dos sentimentos por ele, era o que eu queria. Os elementos que a performance se utiliza são flores, rosas vermelhas e rosas, o mesmo arranjo de flores em que foi picada por uma serpente e morreu. Mas também como símbolo do romantismo, os buquês de flores, sempre lidos como românticos e apaixonados, podem trazer a dor e o sofrimento da morte.

Figura 10: Cena "Sagrado e Profano"- 'De Volta à Beira'. 2024. Fonte da Pesquisadora.



SAGRADO E PROFANO - CORPO ENTIDADE

A minha personagem em ‘De Volta à Beira’ que é um espetáculo da Cia. Movère, ao qual faço parte como intérprete-criadora, na cena ‘Sagrado e Profano’, reverbera um outro estado de espírito de minha corporeidade, literalmente. Desde sempre, busco criar e performar personagens que carregam em si uma atmosfera mais efêmera e como se fossem entidades. Essa personagem é realmente uma entidade. Compor uma corporeidade para essa personagem não foi muito difícil, carrego comigo essa habilidade de me adaptar e construir significado para mim sobre o que estou performando no processo, e as formulações do meu corpo também ajudam a contar essa história.

A cena foi concebida sobre as historicidades dos festejos de Beiradão, um ritmo cultural do Amazonas com música, dança e uma cultura rica de misticismos e crenças, ‘Sagrado e Profano’ surge nesse contexto, de nuances de pureza e profanidade. Ela se torna a minha cena favorita do espetáculo, não só porque eu performo com o meu solo, mas por que, a estética que essa cena se propõe a apresentar, reverbera as constituições subversivas que postulo nesta pesquisa. Esse brincar com o misticismo da religiosidade, com as práticas festivas mundanas, cria esta narrativa subversiva tão potente, única e característica para o espetáculo, e que conversa muito com as minhas provocações.

Atravessada por essas fabulações, componho meu repertório como movimentações muito, milimetricamente, estabelecidas, como se eu calculasse cada passo, cada movimento e construísse uma aura de poder, sedução, misticismo também e a efemeridade, que norteia todas as provocações deste trabalho em questão. Então, trazer esta personagem para minha formulação pós-identitária, fornece mais uma camada de amarrações sob a minha estética (auto)subversiva de existir.

Corpo Entidade me leva a pensar assim, o meu corpo como templo de admiração, de exotificação, de apropriação de minha subjetividade e da minha *queeridade*. A costura deste diálogo enriquece a minha essência feminina. É interessante perceber que, todo o meu processo, a minha história, as minhas formulações e a minha revolução pós-identitária, têm reverberações em muitas áreas da minha vida, que se eu nunca tivesse embarcado numa jornada de autoconhecimento, autodescoberta e auto subversão, não teria compreendido essas instâncias que meu corpo, de alguma forma adquire.

EM FOTO PERFORMANCE

*Performances -de arte, rituais, ou da vida cotidiana- são 'comportamentos restaurados',
'comportamentos duas vezes experienciados' (Schechner 2006, p. 34).*

*O reconhecimento de que nossas vidas estão estruturadas de acordo com modos de
'comportamentos repetidos' e socialmente sancionados cria a possibilidade de que toda
atividade humana pode potencialmente ser considerada 'enquanto performance',
ou pelo menos, toda atividade carrega consigo uma consciência disso
(Schechner, 2006, p. 37).*

Aqui neste tópico, Em Foto Performance, busco analisar as fabulações de minha corporeidade através de uma criação artística, rotulada como uma “Foto Performance”. Construo um discurso visual, com várias imagens, de várias poses diferentes, que me reverberam memórias de marcações de minha vivência/trajetória. A proposição com isso é expor a minha narratividade, como uma poética imagética, apresentando os caminhos percorridos deste corpo dissidente, pelos incômodos, pelas violações, questionamentos..., e que me levam ao encontro com minha Mulheridade *Queer*. As imagens, tem o poder de transduzir a efemeridade que minhas lembranças carregam, e mostram a subversividade de minha experiência identitária.

Antes de embarcar na fabulação do meu processo criativo em questão, gostaria de postular alguns aspectos tangíveis que foram se instaurando pelo processo, até culminar no ensaio fotográfico. Uma das principais formulações que o meu trabalho, desde seu início, se prontificou a discursar, foi amarrar as minhas fabulações como contos poéticos de minha narrativa. Construo com isso, vários fragmentos, sobre vários acontecimentos em minha vida, que não se constituem como lineares, e se perdem ao longo do caminho, a efemeridade.

Tendo isso em mente, em minhas primeiras imersões de resgate, veio uma enxurrada de memórias que denunciavam momentos muito delicados, momentos de sofrimentos e incômodos. O que me trouxe muita insegurança e medo em continuar a (re)construir passos muito difíceis de caminhar. Isso gerou muito bloqueio memorial. Recordar, dialogar, conversar comigo mesma, foram momentos muito complexos para extrair algum material poético, dessa vivência/trajetória conturbada. Já descrito nos capítulos anteriores desta pesquisa.

As formulações que minha revolução pós-identitária, que meu corpo adquire em se valer no mundo, cria para si novas concepções de minha experiência corpórea, que se reverberam antes mesmo de eu construir este diálogo performativo. No decorrer de minha vivência/trajetória dentro da academia de artes em Dança, por exemplo, com meus momentos performáticos caracterizados por formulações imagéticas etéreas, substanciada por performances de caráter ambíguo, de uma experiência identitária.

Crio para mim, narrativas outras de se conceber corporeidades, postulo nas minhas corpos, um caráter de entidade, de algo não humano, de algo que está além da compreensão de existências corpóreas. Diante dos argumentos, a efemeridade das ações performativas (Body Art) adquiridas nas Foto Performances, me possibilita transduzir as substâncias que minha corporeidade foi sofrendo, se constituindo e encontrando com a minha Mulheridade.

Antes de iniciar com as análises das fotografias performáticas, expresso aqui que, o ensaio fotográfico foi dirigido e concebido por mim, com a ajuda de duas amigas minhas, que organizaram o cenário, os elementos de composição fotográfica, na fotografia e filmagem das cenas e desmontagem. A edição e manipulação de algumas imagens foram realizadas por mim também, com a utilização dos aplicativos de edição: Canva, Lightroom, PicsArt e Sketchbook. Com isso em mente, vamos à análise.

CORPO INCÔMODO

Corpo Incômodo transduz as nuances incômodas que se marcaram em minha corporeidade. Trata-se de uma manifestação dos blocos de meu corpo que já foram questionados, apontados, xingados e deturpados. E que causaram a minha subjetividade, grandes inseguranças e perspectivas distorcidas perante meu corpo. O desenvolvimento corpóreo que eu construí nesses anos de vida, se alicerçaram em subjetividades outras, de percepções outras de existência, tudo sobre as normas de se comportar, de se posicionar, de se padronizar em certas características.

As nuances vão muito além da relação, percepção corporal de se manifestar no mundo, trago aqui, formulações de características físicas de ser ‘normal’, de como um corpo é percebido como bonito, ou não.

Na imagem, mostro meus pés, mãos, rosto, nariz, boca, ombros, coxas, orelha, olhos, sobrancelha, cílios, barriga, costas, costelas, de várias perspectivas e ângulos diferentes. Essa imagem, faz-se analisar parte do meu corpo que já me foram confrontadas, por mim, por outros, por vários, enfim, a constituição do meu corpo, foi marcada, majoritariamente, por fabulações incômodas vistas, praticamente, em todo o meu corpo. Cite uma parte do meu corpo que eu não mencionei. As partes íntimas. Elas já foram marcadas, lá atrás, no meu nascimento, não postulo aqui, porque é algo “nítido” no meu corpo.

Cada parte do meu corpo, mencionadas, ou não, já foram marcadas, incomodadas, desrespeitadas e atribuídas a percepções muito maliciosas, que me causam insegurança até os momentos atuais.

A termos de exemplo, por muitos e muitos anos, a formação de meu pé, ser tida como muito grande e desproporcional me geraram gatilhos de insegurança muito fortes, que até hoje, eu me paro para observar se estou entrando em paranoias sobre este assunto. Os tamanhos de sandálias enormes, números altos de sapato, e as constantes piadas sobre o meu ‘pé grande’ resultam em momentos constrangedores na minha vivência. Por muitos anos, todas essas indicações de partes serem muito grandes, feias, ou estranhas em meu corpo, me geraram um certo nível de disforia, que reverberam em percepções de que meu corpo não seria feminino, nem se quisesse.

Tirando por esse contexto, a proposta da Foto Performance está com uma edição em sobreposições de imagens, garante a ideia de que, assim se foram as imagens passadas em minha memória, por esses momentos em resgates, assim eu enxergava as minhas marcas, as minhas nuances, uma sobreposta a outra, como um grande entre corpos, que se mesclam e formam um outro corpo, ou outros corpos.

A composição da Foto Performance evidencia o processo de marcações do meu corpo, organizados um sobreposto ao outro que, gradativamente, se faz perceber o todo, ou quase todo, de um corpo. A evolução de saída de planos fechados, *closes* sobre as partes incômodas de meu corpo, até culminar na mostra de uma constituição corpórea, instituída por inseguranças, medo, vergonha, de poder/querer mostrar meu próprio corpo.

CORPO SUBVERSIVO

O meu segundo corpo, se apropria dos incômodos atribuídos a ela, se ressignificando, se reconstituindo como corpo pensante, agente e provocador. A minha ideia agora é incomodar de fato, evidenciar as minhas práticas subversivas, como *praxe* de uma vivência/resistência. Aqui formulo as minhas constituições pós-identitárias, as incomodações são apropriadas para que se liberte meu ser, das amarras da ‘norma’. Evoco nas imagens, uma composição manifesto sobre a minha constituição corpórea.

A síntese das imagens desenvolvidas, carregam consigo, o significado de posturas incômodas da minha existência. Com isso, proponho debruçar-me sobre as formações de minha corporeidade dissidente, *queer*, insurgente, provocadora, pensadora, questionadora sobre as normas e essa concepção arcaica de organizar ideias existenciais.

O corpo falante (Preciado, 2014), aqui formulado por corpo pensante, corpo agente, corpo questionador, corpo subversivo, corpo ativo, corpo transmutacional, um corpo que não se limita nas experimentações, que se provoca a mudar constantemente.

A ideia com as fotografias era atingir um grau de subversividade de seus gestos, suas poses, em contraponto dramático as poses originais em minha infância, sobre sua estrutura corpórea durante a sessão de fotos. Por isso fiz um apanhado de fotografias, para que se entenda a subversividade que eu fui encontrando durante o processo.

Para a composição destas Foto Performances, estruturei uma tela de pano branco, para se criar uma possibilidade outra de cenário, e uma iluminação de tom vermelho para criar a penumbra e brincar com as formas de minha silhueta. Essa foi a parte mais interessante de se trabalhar, o efeito luz e sombra foi proposital para que eu me sentisse mais à vontade para ficar nua, pelada, e tirar as fotografias, porém, a insegurança e medo se fizeram presentes naquele momento, então, fiquei semi nua, vestida com um sunquine do tom de minha pele preta, e a penumbra se consolidou com um ótimo recurso cenográfico, de iluminação e para sanar a minha insegurança em ficar pelada nas fotografias.

As possibilidades em que a luz e sombra reverberaram na minha corporeidade foram muito poéticas, subversivas, provocadoras e muito subjetivas, melhor do que eu havia imaginado. As fotografias de Corpo Subversivo não garantiram processamento de pós-produção, as silhuetas, a iluminação e as reverberações que elas provocam já se valem. Não consegui constituir uma única imagem para abarcar o meu processo subversivo, todas elas têm uma proposta diferente, surgem questionamentos diferentes, visões diferentes. Porém selecionei, cinco Foto Performance para constituir uma amarração dessas subversões.

A primeira imagem me reverbera um estado de subversão interna, como se o meu processo havia começado muito antes de eu entendê-lo, o que de fato aconteceu, porém, o que me surpreende é essa poética ter suscitado da maneira mais bonita e sensível possível, o meu rosto, o meu olhar, a minha postura, na sombra parece cansada, exausta de ter que se mascarar de algo que não expressa sua essência, e por dentro uma postura de resiliência, de subversão, de resistir as incomodações impostas.

A segunda imagem é como se eu transcendesse a essencialidade de meu corpo, tudo o que me foi imposta, tudo o que me foi questionada, tudo o que eu fui me apegando, estou invocando do meu ser, de minha corporeidade, como um ato de expelir aquilo que me incomoda.

A terceira imagem, evoca essa poética da natalidade, como se eu estivesse, e estou nascendo de novo, novamente Gabriella. Essa figura muito curiosa de se formar barrigas de grávida em minhas fotografias, se sucedem em várias outras, como se de fato, a proposta de uma gravidez, de uma nova vida se instaurando e nascendo, fosse se organizando dentro de mim.

Na quarta imagem trago fabulações de se constituir de poses quebradas. Essas poses são resgates de momentos em minha vida de, ou estar esperando alguém, ou apenas parada, mas sempre com uma pose subversiva, construo aqui esses mesmos momentos de poses, só que, admitindo-as em minha corporeidade e atribuindo um valor mais subversivo e provocador do meu corpo, lanço-me até de um tecido sobre minha cabeça para elucidar uma provocação no âmbito mais sensual que meu corpo se entende e se apropria.

A quinta imagem pontua a evolução corporal de minha subversividade identitária, uma preocupação que tive nessas imagens foi a de não aparentar ter algum traço masculino e feminino, para que não se atribuisse formulações binárias ao meu corpo não-binária. Por tanto, esta imagem conclui a evolução de saída de um corpo machucada, insegura, para a expansão de seu entendimento corpóreo e (auto)subversivo.

CORPO SEM GÊNERO

O meu terceiro corpo contempla a ambiguidade e multiplicidade corpórea que eu estou constituindo na minha trajetória/vivência não-binária. A imagem transduz a efemeridade de minha corporeidade, a ambiguidade, a nova fluência que minha revolução pós-identitária se revela. A ideia com esse corpo é apresentar possibilidades outras de constituir jornadas identitárias, partindo da revelação de que a construção que fazemos de nós mesmos procede da recepção subjetiva do olhar alheio (Valéry, 1938). O que construir com isso, possibilidades outras

de se constituir por você mesma, e não pelo que “dizem que somos”, e de separar as subintenções sobre esses pronunciamentos sobre a gente.

O Corpo Sem Gênero é uma idealização de um corpo não-binária que está formulando possibilidades outras de se afirmar, de se mostrar e se fazer valer no mundo, garantindo que sua existência floresça e cresça.

Foi idealizado, *a priori*, a concepção desta imagem nua, totalmente pelada em frente a câmera, captando meu corpo inteiro, essa é a minha fotografia principal para a exposição em minha defesa deste Trabalho de Conclusão de Curso. Porém, pelo atravessamento da vergonha e timidez diante de minhas amigas que me ajudaram na preparação do cenário e fotografia, me despi parcialmente. Contudo, a imagem sofre alterações, que não tiram a importância e o peso de seu significado, aliás, acredito que o pós-processamento na imagem agregou um significado ainda mais (auto)subversivo de meu corpo.

A pose foi pensada também, em referência às estátuas gregas e romanas, criando uma atmosfera, que eu particularmente gosto e prefiro, de me sentir mais etérea, efêmera e inalcançável com o meu corpo. A pose também reverbera a instauração de minha feminilidade latente, pode ser entendida como uma pose mais andrógina e/ou agênero, o que são inscrições que formulo na concepção de minha corporeidade atual.

ECOS DA EXISTÊNCIA

Durante muito tempo, percorrendo o ato de escrita desta pesquisa, perdi a noção se as minhas fabulações pós-identitárias estavam se fazendo valer de alguma forma. As minhas provocações não precisam de um ponto final, não precisam ter um fim. Acredito que o fim é o começo de algo grandioso. Mas, para concluir esta etapa de minha jornada, uma jornada acadêmica, diga-se de passagem, formulo este texto, traçando as nuances que esta pesquisa me sucedeu junto às proposições que se ecoam, como se estivesse dentro de uma caverna, cheia de labirintos, em que eu vejo possibilidades para continuar.

Constituir corpos, corpas e corpes, é trabalhoso. Mas investir nesse tempo acredito que seja a habilidade de minha existência. Dividir a minha corporeidade em segmentos que reverberam ideias de suas vivências e contá-las dessa maneira, fragmentada, poética, visual, foi e é um ato de CORAGEM que eu encontrei em minha jornada. A coragem se fez presente desde o dia em que adentrei no campo Universitário. Coragem em fazer Dança. Coragem em Performar um Balé de Repertório Feminino. Coragem em me afirmar ser quem sou - ***EU, GABRIELLA-MOISÉS, PESSOA NÃO-BINÁRIA, PESSOA PRETA***. Coragem para seguir em frente diante de todas as formas possíveis de me apagar, de me diminuir, e de me apartar, novamente.

O meu corpo grita coragem, eu agora grito coragem. Eu estou aprendendo a nadar contra a correnteza, que me puxou, e me afogou várias vezes durante este processo, mas fiquei mais resistente, mais forte e mais confortável em afundar de vez em quando, mas também de voltar a superfície e respirar o ar puro da resistência e subversão.

Mergulho pelos incômodos, revivendo esses momentos, para marcá-los com uma nova perspectiva, subversiva e, (re)formulando, a minha corporeidade. Meu corpo não possui uma identidade fixa, rígida, acabada, propus entender como as práticas *queer* se relacionam à minha trajetória/vivência, postulando três abordagens epistemológicas sobre a minha corporeidade através da perspectiva dos incômodos, da subversão e da não binaridade.

Entender os processos de incomodações e em como constituir novos significados para subvertê-los, criou efeitos muito ambíguos durante as imersões. Os efeitos negativos acontecem quando as memórias em resgate são de momentos delicados de minha corpa, que geraram bloqueios emocionais, pelo caminho do processo de escrita, atrasando a minha desenvoltura com a pesquisa. Já os efeitos positivos, foram poder entender e compreender a minha essência feminina, o que me gerou momentos de conforto no resgate, e eram um alívio no meio de tanto caos emocional que foi se instaurando.

Uma coisa que podemos tirar de conclusão desta jornada de escrita, é a sua continuação, não apenas como uma pesquisa acadêmica, mas, sobretudo, como uma prática de vida, a minha prática de vida. É a minha vida. É a retomada de adentrar espaços escuros, densos e muito profundos, pelos fragmentos da minha memória vivencial. Eu tenho muito a descobrir. Eu tenho muito mais a contar. A história de Gabriella-Moisés tem muito mais a mostrar.

Hoje percebo que eu consegui, consegui me subverter, consegui me analisar, diante de todos os percalços, de uma maneira satisfatória, consegui idealizar, postular, formalizar as minhas ideias e memórias da maneira mais bonita e sensível que eu pude. Formular uma conclusão, sabendo de tudo isso, e sabendo também que não há uma conclusão, não tenho como escrever uma conclusão. Podemos dizer que, está se concluindo, sempre no presente, sempre se constituindo, se subvertendo, se Mulherizando, de possibilidades outras de existência.

E assim continuo nesta jornada, na solitude desses resgates, compreendendo que meu corpo se constitui de cada memória, cada fragmento, que tecem minha narrativa, uma história que anseia por ser contada. Abraço minha história, minhas cicatrizes, e danço com elas, criando uma nova dança, um novo ritmo, uma nova vida.

EPÍLOGO

Texto escrito por mim, sobre os momentos de lembranças potentes de minha infância.

25/08/2024.

QUEERIDADE DE INFÂNCIA

*Por dias eu venho tentando lembrar das minhas emoções,
das minhas escolhas, dos momentos felizes, dos momentos tristes,
enfim, tentando lembrar da minha existência.*

*Possuo certa dificuldade em saber lidar com meus pensamentos.
Parece que tudo o que vivenciei foi deletado, não consigo pensar em nada.*

O que será que minhas lembranças escondem de mim?

O que será que eu vivi, que não posso lembrar com clareza?

Acredito que isso talvez seja um grande catalisador de certo apagamento de memória.

Mas se eu não lembrar da minha vivência na infância, quem vai se lembrar?

O que mais me vem à cabeça nesses momentos de resgate vivencial, são momentos de dor:

Momentos de negação à minha queeridade, ingênua, infantil.

Estava apenas existindo como criança, um ser em aprendizado,

e logo fui 'ensinado' a existência

da dor.

*Eu tenho essa primeira lembrança sobre profanar o meu nome Gabriella
quando ainda criança como algo muito natural para mim,*

existia uma certa confiança na credibilidade da minha essência feminina.

*Quando eu fazia a minha autodescrição,
eu enxergava meu ser adulto totalmente nos moldes da feminilidade.*

*Parecia até uma miragem, ou uma autoafirmação,
da minha essência gritando por liberdade.*

Moisés, expressando as vontades de Gabriella:

Quando eu crescer vou mudar meu nome para Gabriella!

Vou usar uma saia bem curta!

Ter um cabelão, muito comprido.

Usar maquiagens, esmalte nas unhas, e ter uma bolsinha rosa

Eu me imaginava e sentia que me tornaria uma bela mulher no futuro.

*Ainda que sob uma perspectiva um tanto “vulgar”,
com uma visão de feminino sobre
roupas curtas, esmaltes e maquiagem forte.*

Mas, não nega os fatos de que eu me enxergo mulher desde muito nova.

*Um possível choque de uma realidade dura ao qual pessoas trans/travestis vivem,
e que eu até o momento não sabia a gravidade e a marginalidade ao qual estas pessoas foram
designadas a conviverem, por serem quem são,
veio em forma de uma abominação às formas femininas de existência, o esmalte.*

*A partir deste momento, como o Moisés foi se vendo,
se percebendo, se orientando, e se modificando,
como ser que não sabia o que era, ou melhor,
quem era?*

*Porém, acreditava fielmente ser igual a todos ao seu redor.
 A estranheza de seu comportamento chamava atenção,
 era quieto, educado, arrumado, cheiroso, bonito,
 elogios esses recebidos que não sustentavam a sua essência.
 Falavam, como uma profecia, de que eu seria um homem muito barbudo e bonito.
 O que desencadeou em uma abominação de ter qualquer tipo de pelo em meu corpo,
 principalmente em meu rosto.
 Não suportava a ideia de ter barba quando crescesse,
 o meu maior e mais sofrido medo na puberdade.*

Falas da profecia:

*Olha aqui, esse menino vai ser muito barbudo!
 Nossa vai pegar muitas meninas com essa barba!
 Você vai ser muito bonito de barba!*

*Havia momentos que não gostava da ideia de ser homoafetivo,
 sua culpa cristã, fazia-o temer a morte a todo momento,
 havia um medo em ir para o inferno.
 Mas afinal, o que é o inferno,
 se não o ódio coletivo pela minha existência.*

*Em outros momentos
 aliviava o seu temor e tensão com brincadeiras em que,
 mesmo não sabendo, ou entendendo,
 admitia uma performance feminina diante de todos.
 Interessante perceber que, desde criança,
 a minha essência feminina era algo em que eu não sabia de forma alguma esconder;
 mesmo acreditando que ninguém suspeitava de nada.*

REFERÊNCIAS

- ANDREOLI, Giuliano Souza. Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural. *Conjectura*, v. 15, n. 1. janeiro-abril de 2010.
- AUSTIN, John. Quando Dizer é Fazer: Palavras e Ação. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990 [1962]. Tradução Danilo Marcondes.
- BARRETO, A.V. P.; HONORATO, C. de F. Manual de sobrevivência na selva acadêmica. Rio de Janeiro, RJ: Objeto Direto, 1998.
- BENTES, Ivana. Biopolítica Feminista e Estéticas Subversiva. *Matrizes* v.11 - n.2 Maio/Agosto 2017. São Paulo - Brasil. p. 93-109.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Revista Odontol. Univ. Cidade de São Paulo, SP*, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdc/article/view/1896>>. Acesso em 14 de Julho de 2024.
- BORBA, Rodrigo. A Linguagem Importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. *cadernos pagu*, ed. 43. julho-dezembro de 2014. p. 441-474.
- BUTLER, Judith. *Corpos que Importam: Os limites discursivos do “sexo”*. n-1 edições. São Paulo. crocodilo. 2019. Tradução de Veronica Daminelli e Daniel Yago Françaoli.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003 [1990].
- COSTA, Liana Gesteira; SETENTA, Jussara Sobreira. Dramaturgia como processo: Espaço para Composição de Si na Dança. *Anais do V Encontro Científico Nacional de Pesquisadores em Dança*. Natal: ANDA, 2017. p. 1103-1115.
- ELIAM, Isabella T. A Heteronormatividade no Ambiente Escolar. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)*, Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.
- EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: Uma Escre(vivência) de Dupla Face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org). *Mulheres no Mundo: etnia, marginalidade e Diáspora*. João Pessoa: Ideia; Editora Universitária UFPB, 2005.

- FARIAS, Nicole Costa; JÚNIOR, Carlos Alberto Mourão. Memória. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 28(4), 780-788.
- FERREIRA, B. Glauco. 'Arte Queee' no Brasil? Relações raciais e não-binarismos de gênero e sexualidade em expressões artísticas em contextos sociais brasileiros. *Urdimento*, v.2, n. 27, p. 206-227, Dezembro 2016.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de Saber*. São Paulo, Graal, 2005.
- GALLINA, Justina Franchi. A Necessidade da Subversão: A Teoria *Queer* na Educação. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14(1): 305-323, Janeiro-Abril 2016.
- GELAIN, Gabriela Cleveston. Palavra, Profanar e (Re)existir no Espaço Público: Corpos Dissidentes no Centro de São Paulo. *Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Belém. PA - 2 a 7/09/2019*.
- HALL, Donald E. *Queer Theories*. Londres, Palgrave, 2003.
- HANNA, Judith L. *Dança, sexo e gênero: signos de identidades, dominação e desejo*. Rio de Janeiro, Rocco, 1999.
- JAGGER, Gill. *Judith Butler: Sexual Politics, Social Change and the power of the performative*. Nova York, Routledge, 2008.
- JESUS, Cassiano Celestino. O que é a Teoria *Queer*? Notas Introdutórias de um Saber Subalterno, Subversivo e Contra-hegemônico. *Verdades da História*, [online], v. 9, n.2, p. 21-34, dez, 2016, ISSN 1982-4238.
- LIBLIK, Carmem Silva da Fonseca Kummer. A Contrassexualidade como Superação das Dicotomias de Gênero e Sexo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 24(2): 292, Maio-Agosto 2016.
- LIMA, Helena Taner. Não-Binariedade: Uma Saída da Colonialidade de Poder-Saber-Ser e de Gênero. *Revista Seara Filosófica*, Número 21, Inverno/2020, pp. 170-184.
- LOURO, Guacira L. Teoria Queer: Uma Política Pós-Identitária para a Educação. In: *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 2, Florianópolis: IFCH, 2001.
- LOURO, Guacira L. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.
- MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, EDUFSC, n. 39, p. 167-181, Abril de 2006.

- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, vol. 21, Porto Alegre-RS, UFRGS, 2009, p. 150-182.
- NASCIMENTO, Letícia. *Transfeminismo*. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo, Jandaíra, 2021.
- PASSOS, Yara dos S. C. Metodologia CASA: por mais autonomia na dança. *In Revista Cidade Nuvens*, v. 1, n. 09, 2024, p. 49 – 53.
- PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. A Teoria *Queer* e a Reinvenção do Corpo. *cadernos pagu* (27), Julho-Dezembro de 2006: pp. 469-477.
- PINTO, Joana Plaza. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, vol. 23, São Paulo, PUC, 2007, p. 1-26.
- PRADIER, Jean-M. Etnocenologia. In: GREINER, Christine; BIÃO, Armindo (Org.). *Etnocenologia: textos selecionados*. São Paulo, Annablume; Gipe-CIT, 1998.
- PRECIADO, B. Paul. *Manifesto Contrassexual. Políticas Subversivas de Identidade Sexual*. n-1 edições, 2014, 223 p. São Paulo.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.
- REIS, Neilton; PINHO, Raquel. Gêneros Não-Binários, Identidades, Expressões e Educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n.1, p. 7-25, Jan/Abr. 2016.
- _____; CASTRO, Rony Polato. Narrativas de Experiências na Não-Binaridade: Discutindo Gênero, Identidades e Diferenças. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 4, n.11, p. 504-520, Maio/Ago 2019.
- RESENDE, Catarina A Escrita de Um Corpo Sem Órgãos. *Fractal Revista De Psicologia*, v.20 - n.1, p. 65-76, Jan/Jun. 2008.
- SALOMON, D. V. *Como fazer uma monografia: elementos de metodologia do trabalho científico*. Belo Horizonte, MG: Inter livros, 1972.
- SERRANO, Leo. *Foto Performance como zona de interrogação*. Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais. Doutorado PPGAV - UFBA. Salvador, 2021.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre: UFRGS, vol. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SCHECHNER, Richard. O que é Performance? Performance Studies: One Introduction. (NY: Routledge 2006, p. 28-51). In: SERRANO, Leo. Foto Performance como zona de interrogação. Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais. Doutorado PPGAV - UFBA. Salvador, 2021.

SILVEIRA, Ronie. A Monstruosidade da Vida Contemporânea. Synesis, v. 9, n.1, p. 165-179, Jan/Jun 2017, ISSN 1984-6754.

SOUZA, Alex da Silva. Masculinidade Hegemônica: Contingências relacionadas ao déficit de autocuidado à saúde em homens. Revista Perspectiva, 2022, vol. 13, n.2, pp. 207-218.

SOUZA, Angélica Silva; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Cadernos da Fucamp, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

Telmo Fernandes; Louro, Guacira Lopes. Um Corpo Estranho – Ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Revista Crítica de Ciências Sociais, 76 | 2006, 145-147.

ANEXOS

CORPO
QUEER

Como CORPO?

Por que CORPO?

CORPO?

CORPO
TRANS

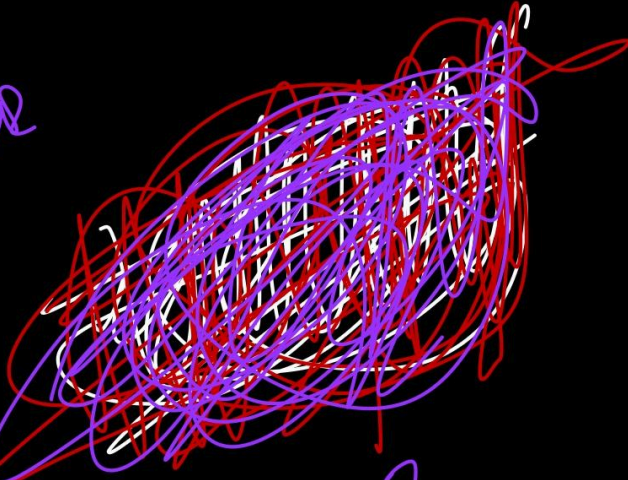
Unicidade de
um CORPO?

Dois CORPO?

gêneros

fissuras

sexualidade



Tudo se repeti ...

As mesmas lembranças surgem e desaparecem como se fossem.

Como chamadas.

Chamadas para o que?

Por que?

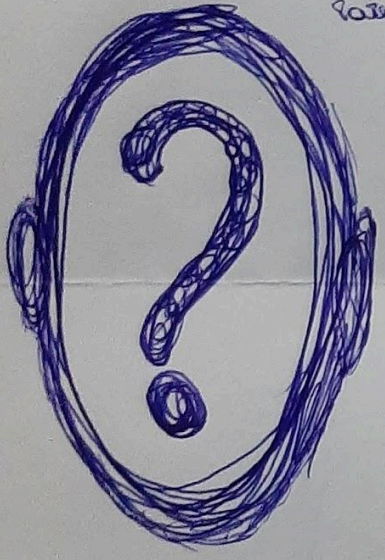
O que minhas lembranças escondem de mim?

O que vivi que não posso recordar?

Como contextualizar essas memórias?
Como dialogar com o meu corpo?

A minha corporeidade já foi imposta, criada, moldada, ordenada, a partir do que vivam no nascimento de meu corpo, atribuindo uma corporeidade masculina, de acordo com as formações de meu corpo biológico. Já fui torada, qualificada na masculina, e esperam reatribuição do meu corpo na masculinidade.

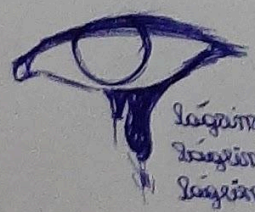
Não anda rotulando
Isto é coisa de menina
Você está muito "mago",
Parece uma gazeta.
É isso.
É esse o ponto.



As histórias passam pela minha mente
rápidas e rápidas vezes...
Lembro e depois não lembro de mais nada.
Como eu sei sobre isso?

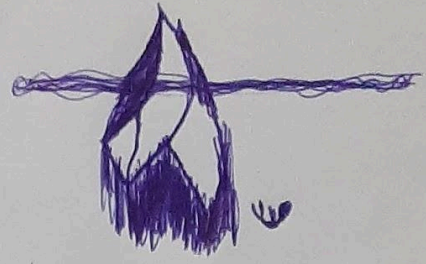
Como faço para me perceber mais profundamente?
O que eu tenho para sentir?

Estufava o nariz, feições, frestas...
tudo era incômodo...
Meu olhar, meu cabelo, que era sempre raspado...
mas, resignifico o raspar o cabelo,
me constitui feminista, assim também.



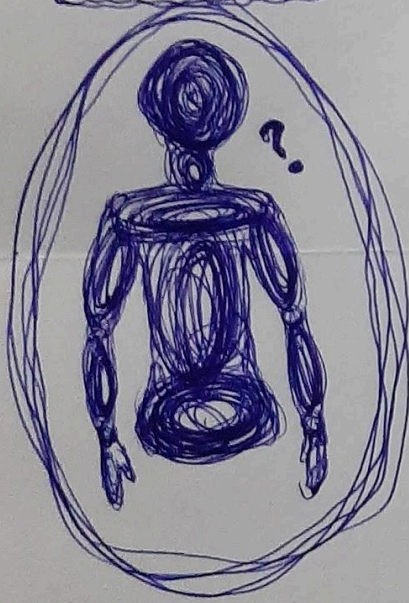
Lágrimas...
Sussurros...
Lágrimas...

Não consigo recordar as minhas memórias,
 momentos de minha existência,
 que me marcaram de alguma forma.
 Um marçalho, profundo, em fragmentos momentâneos,
 para compreender como eu me parecia,
 como eu agia, pensava, falava ...
 e como isto me sustentava hoje.
 Como eu me parecia, me vejo,
 como eu penso, como eu falo, me expasso?



- Eu, Cabralia-Mais, busca não-biográfico, busca práta -

Memórias ilustrias



Que relação eu tenho com o meu corpo,
 se não incomodações?

Quais outras memórias em meu corpo,
 se não incomodações?

Viço constituições livres de amarras heteronormativas?
 Fico pensando que, minhas formulações de carcerio
 é pintado na heteronormatividade.

Mas, pessoas singéras se relacionam com
 pessoas transgéneras, não seria um relacionamento
 tútero?

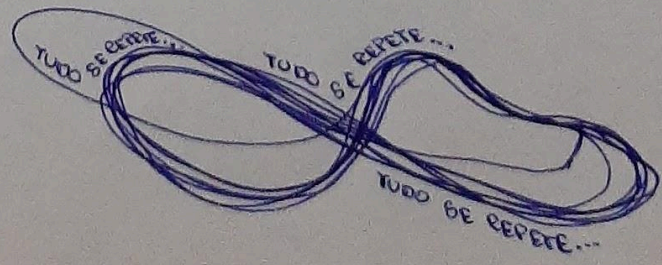
Quais as marcas do meu corpo?

Como confiar na minha memória?

Dez efêmera, sou além de minhas memórias.

Eu sou efêmera, efêra, fragmentada,
 idiossincrásica, uma lembrança distante.

Não consigo recordar de mim.
 Não consigo, eu, não que...?



Foi a primeira vez que de silício para se minhas coisas experimentais vieram!

Quando se trata de me chamar de Gabriela.
Eu sou um cabelo, gravado, e se muito bonita.

Vão lembrar mais dela.
Quem é...?

Se com uma alma pequena, me padei,
me irritante, me foguei...

Que história?

Se com uma alma pequena, me padei,
fui forçado a me esquecer, me calar e me prezar...

Eu também sou um corpo todo!
C.

Decei secretamente, com o amor de idade, um certo ser,
com outras pessoas que me amaram mais.

Eu já tenho um nome.

Qual era o meu nome?

Por, afinal, o que é o inferno,
se não o céu relativo para minhas coisas?

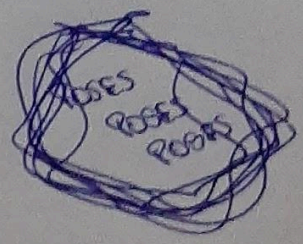
"O que eu sou diferente?"
"O que eu tenho de errado?"

Remover duas imediações
me traz, de novo, sensação de
desespero...

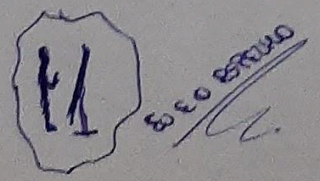
Eu não tem nada de isso.
Eu é perfeita do jeito que é.
Deu a ideia de fazerem coisas e consumi

Os olhos de minhas mãos,
as roupas de minhas mãos,
maquiagem, cabelo, as
bocas de minhas mãos,
E os momentos de tocar de silício
com ela.

O que foi chegar uma "intuição feminina"?
O que são as coisas que fazem para mim?
Eu posso praticar habilidades?
Como era para mim antes de meu corpo?
Eu posso ser um corpo sem gênero?



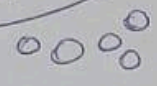
Eu não se lembra!



Essas coisas são minhas habilidades!

Como eu era criança?
Que atitudes eu demonstrava?

Criança
afeminada



"menino"

"menino"

"menino"

A história mal contada

viam um pouco, acham que é —

fui prometido, um milagre sobre seus olhos

fô me afirmaram **HOMEM**

Eu mal cheguei neste mundo

e fô bazararam todo o minhas vivências



~~"Seja homem"~~
~~"Seja homem"~~
~~"Seja homem"~~

(comufla
performa)

Seja homem?

Seja mulher?

Seja algo?

Considero que uma das maneiras de expressar
a minha feminilidade são através das roupas
"mais femininas", e que "me tornaria mais
feminino"

Eu sei quem sou?
Eu sou algo?
Preciso ser algo?

ROÇA Não Tem G.

Incomodar com meu corpo
meu corpo com incômodo
com corpo meu incomodar
com corpo incômodo
corpo incômodo

Eu POSSO Gênero?

Eu POSSO SE um SE SEM Gênero?

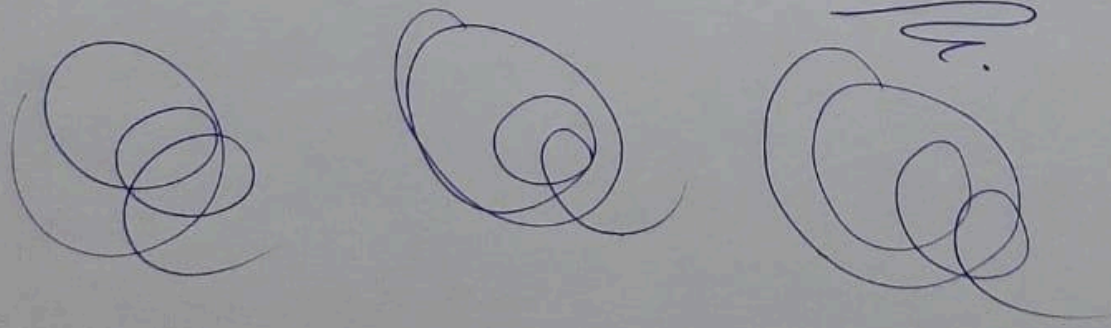
Se	Se
Se	Se
Se	Se
Se	Se

- Corpo Traco
- Corpo Queer
- Corpo Gênero
- Corpo Incômodo
- Corpo Subversivo
- Corpo Sem Gênero
- Corpo Vócuo

Eu não tenho a essencialidade
de parecer uma mulher
muito menos homem...
Eu binco com as possibilidades
de "produzo" o meu "gênero".

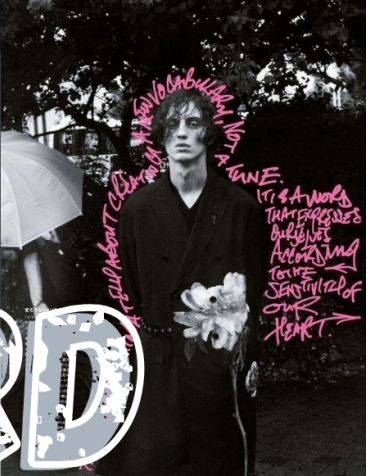
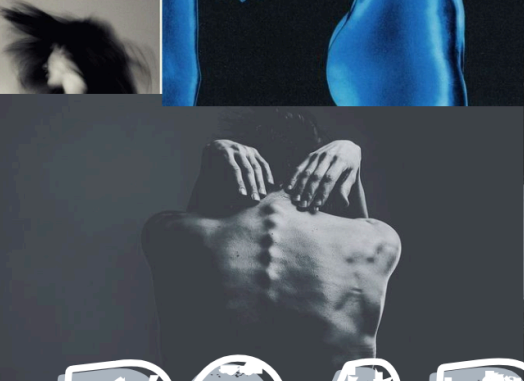
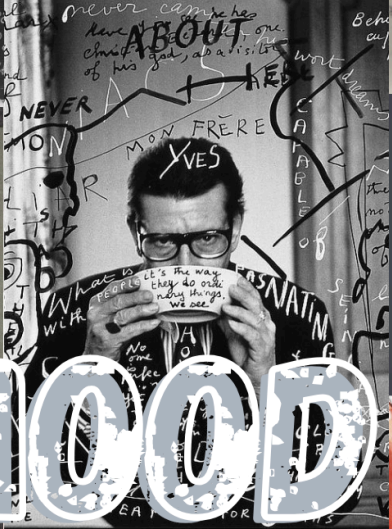
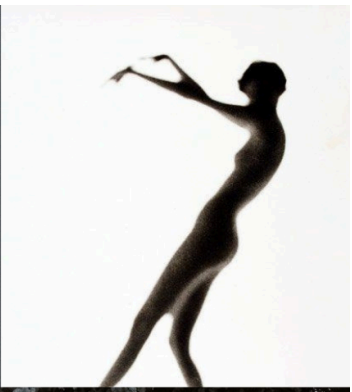
mulher, o que é?
homem, o que é?
cultural / social / natural /

Eu posso Vócuo!
Eu posso Nada!
Eu posso SE um Vócuo!
não existe





ерформистов • рэпер хаски снял в короткометра
 ий фильм • рэпер хаски выступил в клубе
 новиз • рэпер хаски удалил свой альбом •
 ер хаски повесился в огне стейк • рэпер
 и устроил свои похороны • смотреть пряма
 чел яцию похороны хаски • прокрутил
 выводит концерты рэпера хаски • рэпер хас
 рстован в красном • рэпер хаски по
 л двенадцать суток • рэпер хаски на е
 оде • прошла рэпер хаски в похороны рэпе
 аски • рэпер хаски и ер хаски в
 тазе • генерал рэпер хаски в запретах к
 ер хаски • тунис рэпер хаски • рэпер хас
 ертов рэпера хаски • рэпер хаски • рэпер хас
 нстаграм • как помн рэпер хаски
 стонт рэпер хаски • рэпер хаски
 рэпер хаски ты вилася • рэпер хаски
 рэпер хаски анонсировал похороны рэпера
 ер хаски поехала рэпер хаски собирав
 аор • у рэпера хаски в рэпер хаски
 рэпера хаски провалился в рэпер хаски
 ки десантировался на рэпер хаски
 ла паролем • рэпера хаски



MOOD BOARD



Como estou encontrando minha multiplicidade queer
 Complexo de Oedípo em produção material existencial
 Processo pós-identitário - quadro em branco
 não binariedade - performance feminina - vócuo
 Resgate de lembranças - corpo não identitário
 Gabriella Moisés

Por que estou utilizando queer dentro da dança
 Como posso buscar a minha estética queer
 Auto-denominação e apropriação = queerness e não-binária
 meus vivêncios - crítica à binariedade - auto subversão
 performance pós-identitária - performance subversiva
 estética queer = masculinidade, demônios, corpo sem órgãos
 não identidade - gênero - feminilidade
 corpo materializado biologicamente masculino
 legitimor meu corpo - legitimor os seres viventes sobre o corpo

Conceito da desconstrução - Derrida
 Conceito da corporeidade - Rancière
 Conceito da Autoafirmação - Urrutia e Morozova

Epígrafe - TENTAR SEMPRE É CONSEGUIR, MAS TODOS OS QUE
 CONSEQUIRAM JO TANTO TANTO
 - ANNIE MORRIS AKAUSO



AFFETOS, MULHERIDADE, TRANSGENERIDADE, QUEERIDADE, ETNICIDADE, SISTEMA OPRSSOR, INFÂNCIA QUEER,

INFÂNCIA QUEER

Tudo ser do sci queer, sem a influência normativa do cisgenderidade, que com o tempo acaba sendo rotulado nos moldes 'normativos sociais'

